

Eng.ª Maria da Graça
Conselho Geral
dará voz
à sociedade



18



Eleita recentemente presidente do novo conselho geral do Instituto Politécnico de Lisboa, a engenheira Maria da Graça Paes de Faria acredita que este novo órgão de gestão, ao ser constituído por elementos exteriores à instituição, vai dar voz à sociedade civil. A antiga vice-presidente do IPL e ex-presidente do conselho directivo do ISEL diz que o futuro começa aqui.

41

António Domingues de Azevedo, Bastonário dos Técnicos Oficiais de Contas, defende, em entrevista à *Politecnia*, que é fundamental que a Ordem mantenha uma colaboração estreita com as instituições de ensino superior na área da contabilidade. Para o Bastonário é crucial que os cursos superiores sejam adaptados à actividade profissional dos TOCS.



46



Professor, pedagogo, gestor, Jorge Moyano é considerado um dos melhores pianistas portugueses. Há mais de 35 anos que dá aulas na Escola Superior de Música de Lisboa onde fez parte da primeira comissão instaladora. O pianista adora jogar futebol e viajar por países exóticos.

54

Nuno Lopes, aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema, herdou, do falecido actor António Feio, o gosto pela representação. O actor é um verdadeiro camaleão no desempenho de diferentes papéis. "Vai mas é trabalhar" foi a frase que ficou no ouvido dos portugueses no papel do *chato* na série "Os Contemporâneos".



Sumário

5

[Parar Para Pensar](#)

L. M. Vicente Ferreira

6

[Ronda das Escolas](#)

10

[O Acontecimento](#)

Steve Gadd na ESML

Clara Santos Silva

15

[Em Foco](#)

Graça Freitas e o traje do IPL

Jorge Silva

18

[Grande Entrevista](#)

Maria da Graça e o Conselho Geral

Vanessa de Sousa Glória

23

[Empreendedorismo](#)

Nunca é tarde para empreender

Margarida Jorge

27

[Profissão](#)

Pedro Sena Nunes: realizador

Clara Santos Silva

34

[Novo e Interessante](#)

Delphim Moreira e as marionetas

Jorge Silva

36

[Homenagem](#)

Victor Macieira e a ESCS

Alexandre Viegas

41

[Ordens Profissionais](#)

Domingues de Azevedo, Bastonário

Paulo Silveiro

46

[O Protagonista](#)

Jorge Moyano, o pianista

Vanessa de Sousa Glória

54

[Histórias de Sucesso](#)

Nuno Lopes, o camaleão

Paulo Silveiro

59

[Mala Diplomática](#)

62

[Estante](#)

66

[Tribuna Livre](#)

Maria José Fazenda

ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;
2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;
3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;
4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;
5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;
6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;
7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;
8. A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;
9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;
10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

POLITECNIA

Ano IX Número 25 Fevereiro 2011

Director

L. M. Vicente Ferreira

Editor

O Correr da Pena

Redactores

Alexandre Viegas, Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia

Catarina Neves, Bruna Viegas, José Alexandre, Margarida Jorge, Pedro Pina, Pedro Sena Nunes, Revista Caras, Sofia Gomes e Sofia Guerra

Correspondentes

Maria Duarte Bello (Comunicação Social), Célia Cardoso (Dança), Lucy Wainwright (Educação), Luísa Marques e Pedro Azevedo (Teatro e Cinema), João Martins (Contabilidade e Administração), Ana Raposo e Cláudia Guerreiro (Tecnologia da Saúde)

Colaboradores Permanentes

António Serrador, Luís Osório, Luísa Marques, Paulo Morais-Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores

Alberto Roque, Fernanda Gomes e João Rosa

Colunista

Maria José Fazenda

Grafismo e Paginação

Orlando Raimundo (coordenador), Clara Santos Silva, Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade

Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1549-020 Lisboa
Telefone: 217 101 200
Fax: 217 101 236
e-mail: gci@sc.ipl.pt
site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade

Estrada de Benfica n.º 529
1549-020 Lisboa

Impressão

Peres-Soctip, Indústrias Gráficas, SA
Estrada Nacional 10, Km 108,3
2135-114 Samora Correia

Depósito Legal- 158054/2000

ISSN- 1645-006x

Tiragem: 4 000 exemplares

Capa:

Vanessa de Sousa Glória (arranjo gráfico)
Foto de Paulo Silveiro

O Ensino Superior e o Empreendedorismo

O POLIEMPREENDE, cuja origem remonta a 2004, é um projecto global que engloba os Institutos Politécnicos do país, dando origem a um concurso nacional de projectos de empreendedorismo onde competem todos os primeiros lugares dos concursos regionais de cada instituição. O fomento de uma cultura empresarial neste universo de instituições de ensino superior tem potenciado aspectos muito relevantes, tais como:

- O desenvolvimento de competências empreendedoras, integrando-as no plano de estudos e nas actividades curriculares, com vista a preparar os estudantes para o envolvimento em projectos inovadores autónomos;
- A alteração na cultura científica das instituições académicas, no sentido de levar os seus agentes a desenvolver projectos de vocação empresarial, que possam criar valor para as regiões e para as comunidades locais;
- A criação de estruturas, através da colaboração com Câmaras Municipais, IAPMEI (FINICIA), banca, investidores de risco, entre outros, que possam apoiar projectos de vocação empresarial inovadores que apresentem viabilidade e potenciem o desenvolvimento económico regional e nacional.

No momento em que o Instituto Politécnico de Lisboa assume a responsabilidade da gestão do programa Poliemprende para o ano de 2011, importa realçar a relevância e o papel das instituições de ensino superior num quadro de fomento ao empreendedorismo e à competitividade das empresas.

A globalização das economias, a intensificação da concorrência e os novos mercados exigem das sociedades contemporâneas e das suas economias esforços acrescidos no sentido de aumentar a sua capacidade competitiva. Um dos meios mais eficazes para atingir este objectivo é o conhecimento científico, que pode permitir incorporar no tecido empresarial novos produtos, conceitos e ideias, assim como fortes índices de desenvolvimento tecnológico.



L. M. Vicente Ferreira

(...) é preciso aliciar os estudantes estimulando-os para um exercício permanente de criatividade e inovação (...)

As instituições de ensino superior são, por excelência, as grandes concentradoras de conhecimento porque, ao incorporarem no seu corpo docente, em qualidade e quantidade, uma enorme diversidade de saberes, têm potenciado o desenvolvimento de projectos científicos de ponta nos vários domínios de investigação.

Estes projectos deram, em muitos casos, origem a empresas que hoje intervêm nos mercados com enorme sucesso, revolucionando produtos, sistemas de distribuição e de vendas, traduzindo-se numa intervenção inequívoca ao nível da competitividade e do aumento de valor acrescentado.

Contudo, estes exemplos sendo bons, não o são em quantidade suficiente para se poder afirmar com propriedade que a intervenção das instituições de ensino superior portuguesas no seu todo tivesse contribuído de forma directa e substantiva na estrutura empresarial nacional, de modo a impulsionar um verdadeiro desenvolvimento tecnológico direcio-

nado para as empresas e para as suas áreas de proximidade geográfica.

Mas, importa também referir que esta não era a missão principal das instituições de ensino superior. A sua missão primeira era a formação de quadros de nível superior, a maioria dos quais, destinados a dar suporte às estruturas técnicas das empresas e, nessa medida, o compromisso assumido com a sociedade foi claramente cumprido.

Porém, estamos hoje num momento de viragem e de definição de novos paradigmas para os Institutos Politécnicos e Universidades. Neste novo contexto, as instituições de ensino superior nacionais mostram-se disponíveis para serem um motor fundamental na ajuda da modernização da estrutura produtiva, não só de forma indirecta, através das formações de nível superior que suportem os quadros técnicos das empresas, mas também de forma directa, intervindo em sintonia com os próprios empresários através de projectos e/ou parcerias de investigação de interesse incontestável para as empresas, aliciando-os para a criação de valor, para a optimização de processos e para o melhoramento e renovação de produtos.

Mas importa, também, **incutir no aluno de ensino superior um espírito empreendedor**. Para isso, é preciso aliciar os estudantes estimulando-os para um exercício permanente de criatividade e inovação, envolvendo-os nos projectos de investigação das instituições, preparando-os simultaneamente para desafios de assunção de risco, de forma a desenvolverem competências capazes de os motivar para uma actividade empresarial.

O Instituto Politécnico de Lisboa tem responsabilidades nesta matéria e, por isso, quer ser parte activa neste processo de mudança ajudando no aumento do emprego para os jovens com formação superior, no incremento da competitividade das empresas e no crescimento da riqueza nacional.

IPL assina protocolos com ordens profissionais



Presidente do IPL assina protocolos com Ordens: (da esq.^a para a dt.^a) Revisores Oficiais de Contas, Engenheiros e Técnicos Oficiais de Contas

NO ÂMBITO do artigo 48 da Lei n.º 62 de 2007, que aprovou o regime jurídico das instituições de ensino superior, o ensino politécnico pode conferir o título de especialista que comprova a qualidade e a especial relevância do currículo profissional numa determinada área para o exercício de funções docentes no ensino superior politécnico.

A atribuição do título de especialista, regulamentado pelo Decreto-Lei n.º 206 de 2009, é feita mediante a aprovação em provas públicas, por um conjunto de, pelo menos três estabelecimentos de ensino, ou por dois estabelecimentos de ensino acompanhados por uma escola que ministrem formação na área de atribuição do título.

O título também pode ser atribuído por consórcios de institutos politécnicos desde que sejam constituídos pelo mínimo de três institutos que ministrem formação na área de atribuição do título.

Os candidatos a este título têm que prestar provas públicas constituídas pela apreciação e discussão do currículo profissional e pela apresentação, apreciação crítica e discussão de um trabalho de natureza profissional no âmbito da área em que são prestadas as provas.

No caso de o candidato possuir um título de especialista atribuído por uma associação pública profissional, pode ser dispensado da

apresentação do trabalho de natureza profissional.

O Instituto Politécnico de Lisboa, numa acção de credibilização deste processo, desenvolveu uma ronda de contactos com as Ordens Profissionais dos Engenheiros, dos Revisores Oficiais de Contas e dos Técnicos Oficiais de Contas, que resultaram na assinatura de protocolos com essas Ordens.

O objectivo é tirar partido da experiência destas prestigiadas associações públicas profissionais, para a constituição dos júris dos concursos públicos de especialistas, nas respectivas áreas científicas, simplificando assim a aplicação do regime jurídico dessa concessão.

Primeiro Especialista é António Laranjo



Foto de Vanessa de Sousa Glória

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa atribuiu o primeiro título de Professor Especialista, ao Engenheiro António Carlos Laranjo da Silva, na área da Gestão e Engenharia Industrial. O currículo profissional do professor do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, que esteve ligado a projectos como a Expo98, o Euro 2004, a direcção das Estradas de Portugal estando actualmente no projecto da Alta Velocidade, foi apreciado por um júri de grande gabarito. O presidente do IPL, Professor Doutor Vicente Ferreira, escolheu para júri o Director-Geral do Ensino Superior, Professor Doutor António Morão Dias; o Professor Doutor António Carmona Rodrigues; o Professor Doutor Luís Tadeu Almeida, a Eng.^a Ana Paula Vitorino e o Eng. Carlos Matias Ramos, Bastonário da Ordem dos Engenheiros.

Inovação nas inscrições no ISCAL

O Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa mobilizou todo o seu pessoal não docente para fazer face ao período de inscrições dos alunos das licenciaturas e dos mestrados, que decorreu na abertura do ano lectivo. Numa operação concertada pelo presidente do ISCAL, Francisco Luís Ferreira Figueira de Faria e dirigida mais directamente pela directora de serviços do Instituto, Graciete Pinto Correia, todos os sectores do pessoal não docente do Instituto, receberam formação para realizarem inscrições, matrículas e emissão dos cartões dos alunos.

O resultado final foi excelente. Os funcionários corresponderam totalmente e formou-se uma ideia de grupo que veio solidificar as relações pessoais e profissionais entre os vários sectores do ISCAL. Formaram-se equipas de pessoas que trabalham em lugares tão díspares como nos recursos humanos, na contabilidade ou no gabinete de comunicação. Este espírito de trabalho em grupo vai permitir que, futuramente, todo o fluxo de informações seja mais linear em todos os sectores do ISCAL, contribuindo para um melhor desempenho de todos os sectores.

O processo de inscrição dos alunos foi simplificado levando à eliminação dos papéis e à diminuição dos custos. Já não foi necessário estar a preencher os impressos da casa da



Foto de Bruna Viegas

moeda, a tirar fotocópias ou a colar fotos dos alunos. Passou-se de um sistema manual para um totalmente informatizado, utilizando as ferramentas informáticas que já existiam no ISCAL.

O processo é muito simples, o aluno quando vem inscrever-se não necessita de trazer papéis, basta-lhe o cartão multibanco para efectuar o pagamento da matrícula na tesouraria. Em seguida o aluno dirige-se a um piso superior onde ele próprio efectuará a sua inscrição via online. Outro facto inovador no processo é o da emissão do cartão do aluno ser feito no mo-

mento da matrícula, através de uma máquina que tira uma fotografia digital e a imprime directamente no cartão.

Os novos alunos do ISCAL ficaram satisfeitos com a simplificação da estrutura que encontraram, manifestando o seu espanto pela emissão do cartão de aluno. "Até parece que estamos a tirar o cartão do cidadão", afirmou uma caloira.

Para além do excelente trabalho feito pelo serviço de apoio informático, importa realçar a boa colaboração existente entre este serviço e o IPLNet, o que possibilitou que toda a estrutura informática que foi montada para as inscrições tenha funcionado sem problemas graves.

Para o ano lectivo de 2011/2012 o sistema será aperfeiçoado com a multiplicação dos postos de pagamento via multibanco e a concentração de todo o processo num só piso. Os resultados positivos obtidos com este processo, serão o pretexto para alargar as aplicações informáticas a mais actividades administrativas no Instituto, como nos confidenciou o seu presidente. A ideia é acabar com os papéis inerentes aos requerimentos e outros documentos administrativos para que tudo passe a funcionar através da informatização dos procedimentos.



Foto de Bruna Viegas

José de Matos-Cruz

Um adeus português



Foto de Vanessa de Sousa Glória

CONSIDERADO um dos maiores estudiosos da cinematografia portuguesa, José de Matos-Cruz terminou a carreira de docente convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema.

Para trás ficam dez anos dedicados ao ensino do cinema português na escola. Em jeito de despedida o professor deu uma aula aberta, na sala de visionamento da ESTC, onde teve algumas reflexões sobre a sétima arte em Portugal desde as origens até aos nossos dias.

“As memórias do cinema português são feitas de pessoas mais do que de instituições e de organizações”, acredita José de Matos-Cruz que optou sempre, nas suas aulas, por contar essas histórias. Razão pela qual pretendeu culminar o relato das memórias do cinema português com a vivência profissional do realizador Alberto Seixas Santos, exemplo que a paixão pela sétima arte no nosso país não permite exercer a actividade de forma contínua.

Intitulada “Mal” (1999), a última longa-metragem de Alberto Seixas Santos, “reflecte o desespero e decepção do realizador perante sonhos e a capacidade de sermos felizes”, conta o historiador. Trata-se de um testemunho incómodo e inquietante sobre as potencialidades do cinema português num determinado momento”, acrescenta José de Matos-Cruz. O filme retrata o problema da conta-

minação da Sida e da toxicod dependência e como este flagelo afecta as classes mais desfavorecidas.

José de Matos-Cruz, licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1973. Exerceu funções na Cinemateca Portuguesa, no Museu do Cinema, e desde 1980 é responsável pela Filmografia Portuguesa. É o autor da base informática Cinema Português (2002-2007) do Centro Virtual Camões do Instituto Camões. Para além de professor na ESTC também deu aulas na Universidade Moderna.

Na televisão foi consultor da série História do Cinema Português (após 1995) para Acetato/RTP. No cinema, destacam-se as suas monografias sobre Charles Chaplin (1981), Manoel de Oliveira (1996), António de Macedo (2000), Artur Ramos (2003), as obras-fulcrais “Fitas Que Só Vistas - Origens do Cinema Português” (1978 e 1981), “Anos de Abril - Cinema Português da Revolução” (1980 e 1982), “Cinema Português - O Dia do Século” (1998), e as obras-mestras “O Cais do Olhar - O Cinema Português de Longa Metragem e a Ficção Muda” (1980 e 1999), Prontuário do Cinema Português 1896-1989 (1989), “O Cinema Português - 1896-1998” (1998) e IPC/IPACA/ICAM – 30 Anos Com o Cinema Português (2002).

José de Matos-Cruz é consultor em vários dicionários e enciclopédias na área do cinema.

Encontro Ibérico no IPL

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa acolheu o XII Encontro Ibérico de Electroquímica e o XVI Encontro da Sociedade Portuguesa de Electroquímica. A iniciativa decorre alternadamente entre Portugal e Espanha, cabendo nesta edição, ao Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, a sua organização.

O evento contou com mais de 90 participantes inscritos, que nas instalações do IPL puderam confraternizar numa recepção de boas vindas. Luísa Martins, professora do ISEL e presidente do encontro, expressou a satisfação como anfitriã da iniciativa e expressou palavras de agradecimento ao Instituto de Politécnico de Lisboa pela cedência do espaço. O vice-presidente do IPL, Manuel Mendes da Cruz, também presente na recepção, fez questão de falar um pouco da história da instituição e das suas escolas, nomeadamente pela diversificação das áreas de ensino.

No dia seguinte iniciaram-se os trabalhos científicos, já nas instalações do ISEL. O encontro terminou com um jantar de convívio entre os participantes e um passeio social num cruzeiro no rio Tejo. Segundo os organizadores o programa social foi muito bem acolhido e serviu, quer para integrar os participantes no início, quer para dar por concluídos os trabalhos.

O balanço por parte da comissão organizadora do encontro aponta para uma iniciativa bem recebida, nomeadamente pelos participantes que aderiram com alguma afluência. A passagem pelo IPL e pelo ISEL para a realização do evento, permitiu, segundo a organização, dar a conhecer as instalações de ambos e a reacção mostrou ser muito positiva quanto à sua qualidade. A organização fez saber que “esta foi uma excelente oportunidade de darmos a conhecer a nossa instituição à comunidade científica nacional”.

Aluno de cinema premiado em Los Angeles e Milão

FORMADO pela Escola Superior de Teatro e Cinema o jovem realizador, de 28 anos, André Badalo conquistou com a curta-metragem «Shoot Me» o prémio do público no Festival de Cinema em Milão, e uma menção honrosa no Los Angeles Movie Awards 2010. André Badalo reconhece a importância dos prémios: “especialmente num país onde é difícil os novos realizadores fazerem filmes e terem oportunidade de mostrar as ideias que têm”, diz em declarações à Agência Lusa.

Com uma equipa com menos de vinte pessoas e um orçamento inferior a dois mil euros, segundo a revista *Premiere&DVD*, o elenco do filme é constituído por caras conhecidas do público português: Maria João Bastos, Ivo Canelas e Philippe Leroux.

«Shoot me» conta a história de um triângulo amoroso em que a actriz Maria João Bastos desempenha o papel de mulher casada que trai o marido com um homem que tem a obsessão de a fotografar durante os encontros amorosos. Esta é a segunda curta-metragem do realizador que tem ainda outros trabalhos em manga. “Cachecol vermelho” é a sua próxima curta-metragem protagonizada pelo actor Marco d’Almeida, e por finalizar está a primeira longa-



A actriz Maria João Bastos e André Badalo

metragem, intitulada “A escritora italiana” (2007), com Nicolau Breyner, Diogo Morgado e Simone de Oliveira. O realizador está a preparar uma longa-metragem mais uma vez com a participação da actriz Maria João Bastos. Enquanto estudante, André Badalo realizou a curta-metragem “A

história de papel”, protagonizada por Diogo Infante.

Natural da Fuzeta, no Algarve, o jovem realizador André Badalo estudou, para além da Escola Superior de Teatro e Cinema, na University of Southern Califórnia, em Los Angeles nos Estados Unidos.

Escola de Educação debate intervenção precoce

ESTIMULAR o debate sobre a intervenção educativa, social e comunitária, no domínio da intervenção precoce foi o objectivo central do primeiro encontro sobre esta temática realizado na Escola Superior de Educação de Lisboa. A reunião científica deu já alguns passos no sentido da construção de uma rede de parcerias, entre várias instituições do ensino superior e equipas de intervenção no distrito de Lisboa.

A importância de a escola reflectir sobre os processos e as metas de qualidade na formação profissional, ao nível da intervenção social e comunitária, educação especial e intervenção precoce foi uma ideia consensual. Os traba-



lhos contaram com a participação de Gomes Pedro, José Morgado, Júlia Serpa Pimentel, Teresa Vasconcelos, Marina Fuertes, João Justo, Catarina Tomás, João Rosa, Teresa Brito, Purificação Mil Homens, Tiago Almeida,

Francisco Vaz da Silva e Joana Campos e várias equipas de intervenção precoce representando as áreas: educação, saúde, e intervenção social e comunitária. Com a iniciativa, a ESELx procura acompanhar a preocupação nacional e internacional de apostar na educação e intervenção dos zero aos três anos, e propõe-se desenvolver esta área científica de formação e de investigação, criando o mestrado em Intervenção Precoce em parceria com a Fundação Brazelton/Gomes-Pedro. A comissão organizadora pretende dar continuidade à iniciativa e realizar mais seminários em torno da Intervenção educativa, Social e Comunitária no corrente ano lectivo.

Steve Gadd na Escola

A lenda da bateria passou por Lisboa e o local escolhido para o encontro com o público foi o Grande Auditório da Escola Superior de Música. Foram poucos os lugares para todos os que quiseram participar da Clínica de Steve Gadd e aprender com o baterista mais gravado de todos os tempos, técnicas e o Groove que o caracteriza.

*Textos de Clara Santos Silva
Fotos de Vanessa S. Glória*

A MISSION From Gadd Europe terminou o seu percurso em Lisboa, no dia 18 de Setembro. A iniciativa organizada pela Road Crew, empresa de importação e distribuição de instrumentos musicais, trouxe a Portugal e à Escola Superior de Música de Lisboa, a Lenda da bateria, Steve Gadd.

O Grande Auditório da escola artística do Instituto Politécnico de Lisboa foi pequeno para músicos, e não só, que souberam da presença da lenda da bateria em Lisboa. A Clínica foi antecedida por uma sessão de autógrafos de Steve Gadd no Hard Rock Café. O espectáculo foi o último de uma digressão pela Europa iniciado em Londres.

O Mission Gadd from Europe já havia começado há alguns meses, mas o vulcão islandês estragou os planos e obrigou ao seu adiamento. Segundo Rui Salgueiro e Rui Menezes, da Road Crew, esta foi uma pequena ajuda para a vinda da lenda ao nosso país. A Zildjian, marca de instrumentos usada por Steve Gadd só informou a Road Crew em finais de Julho, início de Setembro, que o baterista americano viria a Lisboa em Setembro. A escolha de uma sala para o workshop passou a ser a missão para a Road Crew. Depois de várias salas, todas com agenda preen-



chida, o recurso ao amigo José Moreira, baterista do Hot Clube levou à Escola Superior de Música. A partir daqui o maestro Pedro Moreira passou a ajudar em todo o processo de contacto com a direcção da escola. “Não foi fácil, sendo altura de férias”, diz Rui Menezes.

O dia tão aguardado começou no Hard Rock com uma sessão de autógrafos cheia para ver de perto Steve Gadd, mas sempre a pensar na Clínica ao fim do dia. O público começou a chegar à Escola Superior de Música bem cedo, apesar de algumas dificuldades na localização da escola, que Rui Salgueiro diz ter verificado por parte das pessoas que o foram contactando, “nada que umas placas indicativas não resolvesse”, garante. Desde jovens bateristas, a músicos mais experientes, famílias inteiras juntaram-se para ouvir o groove de Steve

Gadd. Rui Veloso foi um dos músicos portugueses que não pôde comparecer, mas garantiu que o filho de 14 anos, baterista, estivesse presente. O Grande Auditório transformou-se rapidamente numa sala cheia, ansiosa pela entrada no palco da estrela da noite. O palco, esse, mostrava uma imponente bateria ladeada de pequenos apontamentos de luz e de dois monitores que permitiram ver com mais nitidez os movimentos e técnicas do “professor”.

A produção da Clínica, garante Rui Salgueiro, foi possível com o apoio do colega Paulo Diogo e com recurso a parceiros da Road Crew, com quem colaboram desde sempre, nomeadamente a RoadiesDc, a On the Road e o José Moreira. Esta união de forças conduziu a uma organização aplaudida por todos, nomeadamente por Steve Gadd, e em que, pequenos porme-

em Portugal para uma aula

Superior de Música de Lisboa



nores, fizeram a diferença. O público pôde ver um palco “limpo e organizado”, nas palavras de Rui Menezes, cujo ambiente de luzes fez toda a diferença, espelhando a elevada experiência de José Moreira.

A correria para encontrar os lugares era muita, até porque, o facto das cadeiras não estarem ainda marcadas dificultou a tarefa, segundo a produção. Enquanto isso sempre com o som de fundo do álbum “Steve and Friends”, a sala foi-se compondo. Entretanto, Steve Gadd já tinha recolhido no seu camarim, para um momento de concentração sempre importante nestas situações. O músico viria a explicar no decurso da Clínica, que este tipo de actuação exige dele mais reflexão do que um espectáculo com a banda. Neste caso as atenções centram-se na bateria e no baterista e o nervosismo aumenta. Num grande espec-

táculo de banda a logística é outra e há um apoio diferente, disse aos espectadores presentes.

Os comentários do público, quase susurros, iam dizendo quão fantástico o isolamento do auditório, dizendo mesmo “nem rede de telemóvel conseguimos ter”. Certamente esta terá sido uma das poucas circunstâncias em que ninguém se importou com a falta de rede.

Era possível ver encontros de velhos amigos, conversas em dia depois de há muito tempo, tudo o que fizesse o tempo passar até o início da Clínica.

Passavam cerca de vinte minutos da hora marcada para o início entram em palco Rui Salgueiro e Rui Menezes da Road Crew, não escondendo a sua satisfação ao ver a sala cheia. Agradeceram o apoio da Escola Superior de Música pela cedência

do espaço e fizeram longos elogios a Steve Gadd, com quem tinham estado desde o dia anterior, fascinados, não só pelo músico mas pelo ser humano que mostrou ser. Não tardou a entrar também em palco John De Christopher, vice-presidente da Zildjian que ao ver a plateia esgotada foi tirando fotografias com o seu telemóvel, para mais tarde recordar. Referiu ser a última Clínica da Mission Gadd from Europe 2010 que agora terminou.

A Clínica é uma iniciativa que remonta a 2005, após vinte anos de ausência do baterista dos workshops. Foi o regresso, mas num formato completamente diferente. Tinha chegado o momento mais aguardado da noite, Steve Gadd entrou no palco do Grande Auditório da Escola Superior de Música de Lisboa, recebendo uma ovação de pé. Esboçando um sorriso tímido, mos-

Uma parceria com futuro

A VINDA a Lisboa de Steve Gadd foi um grande desafio para a jovem empresa Road Crew. Os seus dez anos de existência trouxeram grandes experiências, mas esta foi a maior de todas as personalidades que trouxeram ao nosso país.

O meio em que trabalham e a experiência que trazem da Diapásão, onde trabalharam alguns anos trouxeram uma rede de contactos muito grande, muitos passaram a ser amigos. Não foi por isso difícil contar com apoio na organização da Clínica em Lisboa.

Segundo Rui Salgueiro, o mais difícil foi conseguir uma sala em tão curto espaço de tempo. Pensaram em muitas possibilidades, mas, ou estavam ocupadas, ou não iam de encontro às ambições.

Contactaram o amigo Diogo Moreira, do Hot Club que sugeriu a Escola Superior de Música de Lisboa. Neste processo entra o maestro Pedro Moreira que a partir daí ajudou nos contactos com a direcção da escola e indicou o produtor que viria a ajudá-los na obtenção de todas as condições de trabalho, José Cedoura.

A organização da Clínica iniciou todo o trabalho para a clínica após a cedência da escola artística do Instituto Politécnico de Lisboa.

Quer Rui Salgueiro, quer Rui Menezes não escondem quão impressionados ficaram com as instalações aquando da primeira visita. O único receio foi mesmo o de não verem a sala encher. Começaram a contactar parceiros com quem habitualmente trabalham para dar início



a toda a produção. Dizem ter sentido da parte da Zildjian algum receio na produção da clínica por parte da Road Crew, que ao ser dirigida por jovens poderia levar a algumas falhas. Todas estas dúvidas se dissiparam quando, já em Lisboa, quer a Zildjian, quer Steve Gadd se deslocaram à Escola Superior de Música e puderem perceber as condições do espaço e o profissionalismo investido no evento.

O balanço final é para a Road Crew extremamente positivo e certamente vêm na Escola Superior de Música futuras parcerias. Reconhecem que no meio musical a palavra passa rapidamente, e a vinda de Steve Gadd à escola foi o maior, e melhor, veículo de divulgação para a escola artística. Reconhecem à escola todas as condições

para ser mais uma sala de espectáculos. Uma das características que apontam como diferenciadora em relação aos outros espaços em Lisboa é o facto de ser uma escola de música, que dispõe de outras salas e cujas infra-estruturas permitem uma grande dinamização. O facto de terem obtido todas as condições de trabalho por parte de José Cedoura é importante para futuras produções. Apontam como vantagem a localização geográfica da escola, servida por uma boa rede de transportes, apesar de mal sinalizada. Gostariam que o espaço exterior circundante do edifício fizesse jus à sua grandeza, pois ao não ter qualquer tipo de tratamento e manutenção não enaltece a imagem da Escola Superior de Música de Lisboa.

trando plena concentração dirigiu-se para a bateria. Não sendo um homem muito alto quase se perdia entre os pratos, a tarola, e o bombo.

Steve Gadd começou por tocar um tema com as vassouras, acompanhando com alguns vocábulos de improviso. O silêncio do público espelhava a atenção com que todos acompanhavam os movimentos dos

braços magros e tatuados do baterista. Era impossível não sentir a acústica no Grande Auditório. O som elevava-se e circundava o público não deixando qualquer dúvida sobre as qualidades do espaço.

Numa pausa entre temas, Steve Gadd, dirigiu algumas palavras ao público, muitas das quais foram elogios à equipa da Road Crew que ajudou a

preparar a Clínica e ao público por o terem feito sentir-se em casa, e pediu interacção com o público para que “tocassem” em conjunto.

Os temas sucederam-se até ao momento das perguntas. Tinha chegado a oportunidade de ver esclarecidas todas as dúvidas com o mestre da bateria. A primeira pergunta levaria Steve Gadd a alguma reflexão e uns

passos de sapateado no palco, já que incidia na sua experiência nesta área da dança e qual a influência no movimento de pés na bateria.

As perguntas continuaram, sendo claramente dúvidas de outros bateristas quanto às técnicas usadas. Steve Gadd foi respondendo por entre palavras e toques na bateria. Falou da sua experiência e de como é importante observar outros músicos, aprender com eles. Dotado de uma profunda humildade foi dando explicações e tocando em simultâneo. Alguns elementos do público quiseram saber como é trabalhar com músicos como Eric Clapton, John Mayor e Paul Simon, e como interage com eles aquando de um tema novo. Deixou como conselho: “é importante não falar antes de ouvir a música algumas vezes, só depois de interiorizar toda a música, aí sim começar a falar”. Quanto aos músicos com os quais trabalha, disse não serem muito diferentes de todos os outros, são exigentes como é suposto serem.

Steve Gadd explicou como tem aprendido com os workshops. Aprendeu essencialmente mais sobre a sua maneira de tocar e como a usa nas mais variadas formas. “O importante é sentirem-se confortáveis com a vossa



maneira de tocar”, disse. Confessou já ter sido submetido a uma cirurgia por causa de uma lesão na perna, que o levou a parar para recuperar totalmente. Explicou que não é possível voltar atrás no tempo, onde tinha ficado antes da lesão, mas começar

do zero e deixar o corpo curar e recuperar totalmente.

Mesmo com o aviso de limite de tempo de John De Christopher, Steve Gadd não deixou de continuar a responder ao público, não mostrando grande vontade de abandonar o auditório.

Após um sorteio no público de pratos autografados por Steve Gadd, o público foi saindo. O entusiasmo era geral. A noite convidava ao ar livre e nada melhor do que aproveitarem o espaço exterior à entrada do edifício da Escola Superior de Música. Todos trocavam impressões sobre o que ouviram e também sobre as instalações. Ao falar com alguns dos elementos do público para saber opiniões, não só da Clínica, mas também das instalações da escola pôde perceber-se que a unanimidade imperou: “gostei muito de Steve Gadd e do auditório”; “uma acústica espectacular”; “estamos fartos de ir ao S. Jorge e à Aula Magna ver espectáculos”, “é bom vir a uma nova sala de espectáculos”; “já tinha ouvido falar da Escola Superior de Música pela arquitectura e gostei muito, espero que seja a próxima sala de espectáculos de Lisboa”.



Retrato de um grande baterista

STEVE Gadd nasceu em 1945, em Rochester, Nova York. Aos quatro anos, o tio Eddie, antigo baterista do exército, deu-lhe as primeiras baquetas e um pedaço redondo de madeira para tocar. As aulas iniciaram-se com sete anos e aos onze teve a sua primeira experiência musical com Dizzy Gillespie. Estudou no Eastman School of Music, referida pela revista Newsweek como a “escola de música mais quente na América”. Steve Gadd sempre tocou na banda da escola.

A par dos estudos musicais Steve e o irmão mais novo, Eddie, dançavam sapateado para entreter idosos em lares e hospitais, chegaram mesmo a ganhar um concurso no Clube Mickey Mouse.

Aos 14 anos conheceu John Beck, considerado um dos guitarristas mais criativos que existe, seu professor no Eastman School, que viria a ser fundamental no seu percurso. A sua família permitiu-lhe um grande contacto com a música através de idas a clubes onde podia assimilar os sons da época. Lá teve contacto com artistas como Groove Holmes e Jack McDuff. Depois dos estudos em Eastman, Steve ingressou no exército, onde cumpriu um serviço de três anos e onde tocou bateria na Banda da Armada.

A sua carreira ganhou um ritmo imparável, entre grupos que foi for-



mando e as gravações com grandes artistas que não lhe davam descanso. Chegou a ser considerado o baterista mais gravado.

Trabalha presentemente com Eric Clapton, James Taylor e Paul Simon, entre outra colaborações que vai fazendo. Foi mesmo com Eric Clapton que Steve Gadd já actuou em Portugal, mas desta vez a Clínica deu-lhe o destaque que merece.

Após algumas experiências menos boas nesta Mission Gadd from Europe, o baterista não sabia muito bem o que encontrar em Lisboa. Se-

gundo os elementos da Road Crew que o acompanharam desde a sua chegada, Steve Gadd ficou muito impressionado com as condições acústicas do Grande Auditório da Escola Superior de Música. Aquando dos testes de som feitos antes do workshop, gostou tanto da acústica que optou por não usar amplificação na bateria, apenas o fez na “munição” quando usou as vassouras para tocar, diz Rui Salgueiro da Road Crew.

Após o workshop, não tendo sido possível falar pessoalmente com o músico, a Politecnia conseguiu obter um comentário escrito à experiência em Portugal. Considerando o Mission from Gadd a oportunidade de realizar encontros em que pode trocar ideias com outros músicos, Steve Gadd diz ter-se sentido muito bem recebido em Portugal, ressaltando a excelente interacção com o público. Gostou particularmente da acústica do Grande Auditório, que classificou de “muito bom” e do seu camarim, onde elogiou a comida. Não deixou de reconhecer todo o trabalho que foi feito, em Lisboa, para a realização da Clínica. Steve Gadd deixa o seu louvor e agradecimento a todos os que tornaram possível o workshop em Lisboa.



Ela desenhou os trajes académicos do IPL

Graça Rodrigues

Um saber de experiência feito

Senhora de imensos talentos, Graça Rodrigues, a criadora dos protótipos dos trajes académicos do Instituto Politécnico de Lisboa, é formada em Estilismo e Design de Equipamentos, e docente da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde lecciona Desenho Técnico de Figurinos. Inculcar nos alunos a importância da conjugação da técnica com a prática é o seu grande objectivo.

Textos de Jorge Silva



Estudar e formar são fundamentais

GRAÇA Rodrigues possui formação em estilismo, modelagem e design de equipamento, e está a frequentar o mestrado em desenho na área de desenho de figurinos na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Considera que apesar de a criatividade ter de estar sempre presente, a formação é uma parte muito importante para a carreira de um figurinista. No reverso da medalha Graça Rodrigues assume-se igualmente como uma formadora. Para além das aulas na Escola Superior de Teatro e Cinema, leccionou no Ensino Secundário, no Colégio D. Filipa, na Amadora, e no Externato D. Manuel de Mello, no Barreiro, exerce funções de formadora no projecto Artesfera onde trabalha com crianças do 1.º ciclo nas artes plásticas.



QUANDO foi convidada, pelo professor Paulo Morais, para realizar os protótipos dos trajes académicos do Instituto Politécnico de Lisboa, Graça Rodrigues sabia o que

queria. Um modelo inovador mas com uma presença clássica, que infundisse a solenidade própria dos trajes académicos. O trabalho teve início com uma pesquisa exaustiva

pelos trajes que se usam nas principais universidades de Portugal e do estrangeiro, que serviram como ponte de partida para o projecto do IPL. Apesar de ser uma adepta confessa do estilo barroco, a professora da Escola Superior de Teatro e Cinema, ao conceber os protótipos dos trajes do IPL, simplificou ao máximo para que eles fossem funcionais. A ideia era que o traje do IPL fosse diferente dos usados pelas outras instituições de ensino superior, fugindo a um estilo pesado e repetitivo. Concebeu dois modelos, que foram apresentados à direcção do Instituto. O modelo seleccionado, foi sendo desenvolvido até ao formato final, o resultado foi um corte simples e prático, conjugando a elegância com o conforto. Houve dois pormenores dos quais gostou particularmente, a gorra com os seus oito gomos, representativos das oito escolas do IPL, e o macho na toga. Ficou assim concebido o traje académico, que os professores do Instituto vão usar nos actos solenes.

Para Graça Rodrigues, o papel do figurinista é responder ao desafio



Figurinos da artista Graça Rodrigues na peça "O mentiroso" de Carlo Goldoni

feito pelo encenador na concepção dos fatos para os actores. Para isso ele necessita de ler dramaticamente a peça, e realizar uma pesquisa histórica sobre a moda, a religião e a sociedade da época retratada na peça. Por outro lado os figurinos devem assentar bem na anatomia do actor, no fundo são a sua segunda pele.

É importante para um figurinista possuir conhecimentos em várias áreas. Graça Rodrigues começou pela moda, chegou mesmo a estagiar com a estilista Ana Salazar, mas cedo percebeu que aquele ambiente não se adequava à sua personalidade. Seguiu-se o curso de belas artes em design de equipamentos. O seu ingresso na Escola Superior de Teatro e Cinema realizou-se através de um professor da Escola, António Casimiro, com quem já tinha trabalhado, havia falta de docentes que ensinassem aos alunos desenho técnico. Para Graça Rodrigues é fácil desenhar figurinos, o difícil é que eles sejam exequíveis. É importante que os alunos saibam identificar nos desenhos os machos e os franzidos. Aqui entra a costura, para a professora é impossível ser figurinista sem “mexer nos trapos” os conceitos devem ser acompanhados pela prática.

Graça Rodrigues tenta demonstrar aos seus alunos que, hoje em dia, no mundo profissional é preciso fazer um pouco de tudo. Eles têm que ter os conhecimentos práticos que lhes permitam explicar às mestras os detalhes práticos dos seus desenhos. Quando fizerem um croqui, devem ter a cabeça estruturada para saberem distinguir entre uma prega e um macho, um pesponto duplo ou uma bainha invisível. Para isso devem realizá-los pelo menos uma vez na vida, para entenderem do que se está a falar.

Tudo isto é muito importante, porque o mercado de trabalho está muito fechado e todas as oportunidades devem ser aproveitadas. O mais difícil é começar até se conseguir provar que se tem talento. No caso de Graça Rodrigues foi o António Casimiro, que a puxou e a apresentou a diversas pessoas que acabaram por a contratar para realizar trabalhos.

O desafio d’“O mentiroso” de Carlo Goldoni



O MAIS recente desafio de Graça Rodrigues foi a concepção dos figurinos da peça “O mentiroso” de Carlo Goldoni, representada pelo grupo de teatro “Intervalo”, no Auditório de Linda-a-Velha. O encenador, Armando Caldas, estreou-se há cinquenta anos com esta mesma peça, e pediu-lhe para realizar os figurinos. O desafio consistia no termo de comparação que existe sempre que as peças são uma reposição. A professora da ESTC começou

por estudar a roupa do séc. XVIII, as classes sociais retratadas, e os costumes da época. Devido à peça ser uma comédia já existiam personagens estereotipados, como um alerquim, uma columbina, os namorados, o doutor, o pantaleão. A peça foi um êxito, com sucessivas casas cheias, e o trabalho de Graça Rodrigues foi perfeito, no modo como fez com que os trajes assentassem nos actores, nos tecidos escolhidos e na multiplicidade de cores.

Eng.^a Maria da Graça e o novo conselho geral do IPL

“O futuro começa aqui”

Eleita, recentemente, presidente do novo conselho geral do Instituto Politécnico de Lisboa, Maria da Graça Paes de Faria, acredita que este órgão de gestão assume a missão de dar voz à sociedade civil. Licenciada em engenharia química, Maria da Graça foi vice-presidente do IPL e dirigiu, durante vários anos, os destinos do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Aos 73 anos, assume este novo desafio com satisfação, mas também com alguma preocupação.

Textos de Vanessa de Sousa Glória • Fotos de Paulo Silveiro

POLITECNIA – O que é que sentiu no dia em que foi eleita presidente do conselho geral do Instituto Politécnico de Lisboa?

MARIA DA GRAÇA – Fiquei surpreendida, porque, desde 2003, já estava desligada do Instituto. Senti-me honrada, mas, ao mesmo tempo, fiquei muito preocupada. Presidir um órgão com esta importância e ter sido eleita por unanimidade, foi uma honra.

POL. – A sua eleição foi reconhecimento dos vários anos que dedicou à instituição?

M.G. – Penso que acima de tudo foi o aproveitamento da experiência que adquiri ao longo dos anos, não só no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, onde desempenhei vários cargos de gestão, como também pelo cargo de vice-presidente que assumi nos serviços da presidência, onde tive o privilégio de trabalhar com muita gente, e de ajudar o presidente, na altura, professor Antas de Barros, na resolução de problemas do instituto.

POL. – Porque é que ficou preocupada?

M.G. – A pessoa ao longo do tempo vai perdendo capacidades e enquanto tiver consciência disso é porque ainda tenho algumas. O pior é quando as pessoas não se apercebem disso! Falando a sério, conto, no desempenho da tarefa, com o apoio dos membros do conselho e espero que me ajudem a superar as limitações que possa ter.



POL. – Embora já não exerça funções no IPL, tem um vasto conhecimento sobre a instituição. Considera que será uma vantagem para o desempenho do cargo?

M.G. – Acho que sim. Para que o conselho possa cumprir as funções, que lhe são atribuídas pelos estatutos do IPL e pelo Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES), é necessário saber o que é o ensino politécnico, e que papel este terá no panorama do ensino superior português. O presidente do conselho geral tem de ser alguém exterior à instituição, porque o conselho geral tem de ser perfeitamente independente e isento relativamente aos “poderes” dos órgãos de gestão, não só do Politécnico de Lisboa, mas também das escolas. Por outro lado é benéfico

que seja alguém que, de certo modo, conheça a realidade da instituição.

POL. – Os primeiros estatutos do IPL, de 1991, já previam a existência de um conselho geral. Na prática o que é que foi alterado?

M.G. – Foram feitas duas grandes alterações. Uma foi a sua composição, este conselho geral é mais pequeno que o anterior que tinha 42 elementos. Este é constituído por 33 elementos, dos quais dezassete são professores e investigadores; cinco são estudantes; um é funcionário, e dez são elementos cooptados do exterior.

POL. – Qual é a importância da presença destas personalidades externas no conselho geral?

M.G. – Estas personalidades trazem uma visão mais concreta do que é a

actividade externa nos aspectos que as escolas do Instituto Politécnico de Lisboa desenvolvem ao nível do ensino e da investigação.

POL. – Quem são essas personalidades externas?

M.G. – São pessoas com mérito e experiência nas áreas das escolas do IPL, desde a saúde, comunicação, educação, engenharia e artes, capazes de trazer mais-valias para o desenvolvimento do politécnico de Lisboa. Algumas delas já exerceram funções no IPL. (ver caixa página 21)

POL. – Os membros exteriores do conselho geral são remunerados?

M.G. – Não recebem qualquer contrapartida financeira.

POL. – Que atitude é que demonstra por parte das instituições a

Uma vida dedicada à engenharia

MARIA da Graça Pinheiro das Neves Veloso Paes de Faria é, desde 2003, no mesmo ano em que se aposentou, membro sénior da Ordem dos Engenheiros.

Actualmente é presidente, pelo segundo mandato, da Casa de Cultura e Recreio do Pessoal do Instituto Politécnico de Lisboa.

Foi vice-presidente do Instituto Politécnico de Lisboa (2000-2003), onde teve a seu cargo as áreas de gestão académica, protocolos com estabelecimentos de ensino superior, nacionais ou internacionais; coordenou os programas de mobilidade Sócrates/Erasmus e Vasco da Gama e as acções no âmbito do PRODEP e dos concursos de investigação financiados pelo IPL.

Colaborou com a Comissão Nacional da Avaliação do Ensino Superior (CNAVES) fazendo parte do subgrupo de avaliação dos cursos de engenharia Química em escolas do ensino politécnico (2003-2006). No Instituto Superior de Engenharia de Lisboa fez carreira de docente e desempenhou vários cargos de gestão. Foi presidente do conselho directivo, conselho científico; dirigiu o centro de estudos de engenharia química e



foi membro da Assembleia de Representantes e do Conselho Pedagógico.

Esteve directamente ligada aos processos de avaliação e acreditação dos cursos de bacharelato na FEANI (Federação Europeia das Associações Nacionais de Engenheiros) e dos cursos de licenciatura na Ordem dos Engenheiros.

Professora coordenadora no ISEL, desde 1989, no departamento de engenharia química onde teve várias funções de responsabilidades.

Foi no Instituto Industrial de Lisboa que iniciou a carreira de docente (1967-1974).

Ao longo da sua carreira profereu várias comunicações de natureza científica e profissional, sobre a pro-

blemática do ensino da engenharia no ensino superior politécnico.

Nasceu no dia 24 de Dezembro de 1936, em Ançã, Cantanhede. Licenciou-se em engenharia Químico – Industrial numa altura em que o curso era de seis anos. Começou a estudar na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, e completou, em 1960, a licenciatura na Faculdade de Engenharia da Universidade de Porto.

Um ano depois foi para a Sociedade Central de Cervejas de Coimbra onde realizou um estudo sobre a optimização do processo de fermentação da cerveja.

De 1965 a 1969, foi responsável no Instituto Nacional de Investigação Industrial, pelo Sector de Metalografia do Núcleo de Metalurgia.

Foi responsável técnica do controlo de qualidade na empresa de cosmética Prestígio.

Fez parte de um projecto subordinado ao tema “Investigação sobre química da cortiça e seu aproveitamento como fonte de produtos químicos orgânicos”, subsidiado pela J.N.I.C.T. e Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas, com o apoio do Instituto de Produtos Florestais.

abertura do conselho geral a personalidades exteriores?

M.G. – Demonstra aquilo que o politécnico sempre quis ser e a universidade não foi tanto. Não estou a pôr em causa a qualidade do ensino universitário. Mas a universidade teve sempre um ensino mais virado para dentro e o politécnico, desde que foi instituído, em 1985, tinha como principal função a abertura ao exterior, e de estar inserido na sociedade civil. O conselho geral irá dar voz à sociedade. O Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (RJIES) ao exigir que o conselho geral seja composto por elementos exteriores, numa proporção que não é assim tão pequena, significa que as instituições de ensino superior têm de se capacitar que a sua função é contribuir para o desenvolvimento de Portugal. O futuro começa aqui.

POL. – De que forma é que podem fazê-lo face à actual situação do país?

M.G. – Não é fácil responder a essa questão. O professor Ernâni Lopes, um amigo que, infelizmente, já morreu, dizia “O que é preciso é trabalhar, trabalhar e trabalhar” e eu acredito que ele tem razão. Enquanto não houver hábitos verdadeiros de trabalho por parte dos professores, alunos e funcionários e não se pensar que cada um é responsável pelo desenvolvimento do país, não se vai a parte nenhuma. Como dizia John Kennedy “Não perguntes o que a tua pátria pode fazer por ti. Pergunta o que tu podes fazer por ela” eu também penso assim. O ensino deve ser virado para dar a cada um essa responsabilidade.

POL. – E essa função cabe às instituições de ensino superior?

M.G. – Sim, mas não é só a elas que compete essa missão, porque isto tem de começar lá de trás, porque nós sabemos que as personalidades começam a formar-se muito antes da idade de entrarem para o ensino superior. Mas essa função também compete à família. Só que é preciso que a família também interiorize isso, porque ninguém é capaz de transmitir uma coisa em que não acredita. As instituições de ensino superior têm de transmitir aos alunos a noção de

que eles são responsáveis pelo desenvolvimento do país. Aquilo que aprendem não é só para sua realização, que também é importante, mas é para pôr ao serviço do país.

POL. – Para além de outras funções compete ao conselho geral a eleição do presidente do IPL. Esta é uma missão de grande responsabilidade?

M.G. – Sem dúvida, é das funções mais importantes do conselho geral, escolher quem vai estar à frente dos destinos do politécnico. Quando se



*O conselho geral tem de ser
perfeitamente independente
e isento*

elege um presidente toma-se como seu o plano de actividades e desenvolvimento que ele apresenta. O conselho não só vai aprovar, mas também vai fiscalizar a concretização desse plano.

POL. – E se as coisas correm mal?

M.G. – Não vou dizer que vamos puxar as orelhas ao presidente, mas, com certeza que tem de haver um diálogo franco e aberto com ele para corrigir o que não está bem. Aliás, quem elege também pode destituir. Se bem que a destituição de um presidente é a última das consequências.

POL. – Houve um decréscimo da representatividade dos alunos no

conselho geral. Anteriormente faziam parte deste órgão 16 alunos, actualmente são cinco. Acha que se justifica esta redução?

M.G. – O número de professores também foi reduzido. Embora considere que os alunos devam estar sempre presentes. As escolas existem porque há alunos. Os alunos têm ideias válidas, mas o seu número de representantes não pode sobrepôr-se ao número dos professores. O aluno não tem uma visão tão madura dos assuntos, embora traga uma dose de jovialidade ao conselho geral que considero muito importante.

POL. – Considera que cinco estudantes conseguem representar 14.000 estudantes?

M.G. – Há um esclarecimento que deve ser feito, que só percebi há bem pouco tempo, os membros do conselho geral representam-se apenas a si próprios, não representam mais ninguém.

POL. – Como assim?

M.G. – O RJIES diz que os membros do conselho geral não representam grupos nem interesses sectoriais. Os representantes são eleitos pelos pares, com certeza que quem os elegeu entendeu que estes eram os mais adequados, mas, desde que aqui estão, representam-se a si próprios. É estranho, mas é isso que está na lei.

POL. – Uma forma de não puxarem a brasa à sua sardinha?

M.G. – Muito possivelmente será isso. Em cada decisão que tomam os professores, alunos e funcionários não podem desculpar-se dizendo “eu até votei porque na minha escola disseram para votar” cada qual é responsável por si e não pelos grupos que representa.

POL. – Porque é que os membros do conselho geral assumem uma função de extrema importância?

M.G. – Porque é o conselho geral que tem poder para decidir se cria ou extingue escolas, é verdade que isto só sucede sob a proposta do presidente. Mas entre outras funções compete ao conselho geral definir o valor das propinas. Há aspectos da gestão global do instituto que passam pelo conselho geral.

POL. – O conselho geral tem um funcionário não docente. Qual é o seu papel?

M.G. – A presença do funcionário não docente no conselho geral é tão importante quanto o professor e o aluno. Têm papéis idênticos. Os funcionários não docentes são uma parte integrante do instituto. Se não existirem o Politécnico de Lisboa

não funciona, e quando digo isto é a todos os níveis, desde auxiliares, administrativos, administradores e secretários de direcção.

POL. – Os funcionários não docentes são uma peça fundamental para a instituição?

M.G. – Claro, e folgo em saber que o pessoal não docente do Instituto Politécnico de Lisboa está progres-

sivamente a ser mais qualificado. Quando comecei a trabalhar no ISEL, em 1967, a maioria dos funcionários não docentes não tinham muito mais do que a quarta classe. Neste momento grande parte dos funcionários não docentes são licenciados, foram valorizando-se ao longo da sua actividade, o que contribui para o desenvolvimento do IPL.

A sociedade civil no conselho geral

SÃO dez as personalidades externas que foram convidadas para fazer parte do conselho geral do Instituto Politécnico de Lisboa. Promover a inserção na comunidade; a ligação às actividades profissionais e empresariais

correspondentes à área de actuação das escolas do IPL, contribuindo para uma sólida formação profissional do ensino superior, são os principais objectivos da presença destes membros exteriores.



Alberto S. Barata

É professor universitário. Ao longo da sua carreira especializou-se na área financeira e contabilística. Foi director do Gabinete de Gestão Financeira do MCTES. As suas intervenções relevantes são em questões éticas, deontológicas e profissionais.



Carlos Baptista Costa

É doutorado e foi professor coordenador do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. É revisor oficial de contas e Membro fundador da Associação Nacional de Peritos Contabilistas, tendo publicado vários livros de Contabilidade e Auditoria.



Cremilde R. Fernandes

Foi directora da ESML e grande impulsionadora para a construção do actual edifício. Especializou-se em Cravo que é uma das suas grandes paixões. Gravou para estações rádiosónicas e televisivas, portuguesas e estrangeiras. Publicou edições musicais e fonográficas.



Inês Bamond Sim-Sim

É doutorada e foi professora coordenadora da Escola Superior de Educação de Lisboa onde exerceu cargos nos órgãos de gestão. Investigadora em instituições nacionais e estrangeiras, é especialista no desenvolvimento de linguagem e na aprendizagem da leitura.



Joaquim Menezes

Engenheiro, é o actual presidente do Conselho de Administração da empresa Iberomoldes, que criou em parceria com o empresário Henrique Neto. Foi presidente de vários organismos nacionais e internacionais na indústria dos moldes e da computação gráfica.



Jorge Sales Gomes

Engenheiro, é administrador da Brisa Inovação, responsável por grande parte das actividades e produtos relevantes da empresa. É impulsionador de projectos de investigação e desenvolvimento, em parceria com instituições de ensino, entre elas o ISEL.



Maria da Graça P. Faria

Foi professora coordenadora e dirigiu os conselhos directivo e científico no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Foi vice-presidente do Instituto Politécnico de Lisboa. Acompanhou a implementação do Processo de Bolonha nas escolas do IPL.



Maria Estrela Serrano

Doutorada, é membro do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC). Foi professora na Escola Superior de Comunicação Social. Foi membro do Conselho de Opinião da RDP e da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores.



Miguel Lobo Antunes

Administrador da Culturgest. Programador do Festival Internacional de Música de Mafra e jurista do Tribunal Constitucional. Exerceu funções como administrador do Centro Cultural de Belém. Foi vice-presidente do antigo Instituto Português do Cinema.



Rui Portugal

Presidente da Administração Regional de Saúde (ARS) de Lisboa e Vale do Tejo. Especialista em saúde pública. Presidente da associação Médicos do Mundo e trabalhou no Alto Comissariado para a Saúde. Médico de saúde pública no Centro de Saúde dos Olivais.



Maria da Graça Paes de Faria: “O conselho geral tem poder para decidir se cria ou extingue escolas.”

POL. – O conselho geral é constituído por 33 membros. Que estratégia é que vai usar para levar as coisas a bom porto?

M.G. – Ao longo da minha carreira, em diversas ocasiões, coordenei várias equipas e nunca tive problemas. Espero continuar a não ter. Procurei sempre que as reuniões tivessem algumas características que também gostaria de implementar no conselho geral.

POL. – Quais são essas características?

M.G. – Pontualidade, as reuniões devem começar a horas, quanto mais posso dar o quarto de hora académico de tolerância. As reuniões não devem prolongar-se para além de duas horas porque é o tempo que eu acho que os neurónios estão a funcionar. Depois disso as pessoas começam a mexer-se nas cadeiras e não ouvem metade do que se diz. As reuniões não servem para as pessoas se ouvirem, nem se autopromoverem, mas para se resolverem problemas. A palavra deve ser dada a toda a gente, tendo sempre a noção que estamos reunidos para ser produtivos.

POL. – E quando não existe consenso nas decisões?

M.G. – Se não há consensos, há maiorias, por isso é que existe a de-

mocracia. Todos têm o direito em se pronunciar, mas também têm o dever de ouvir e respeitar a ideia dos outros. Alguns dos elementos que fazem



O conselho geral irá dar voz à sociedade

parte do conselho geral têm ideias diferentes, porque já os conheço há alguns anos, e isso é importante. Mas também sei que são responsáveis e sabem que estão ali porque lhes

foi atribuída uma função que tem de ser levada a cabo. Vou procurar que as reuniões decorram num ambiente agradável, eficaz e produtivo.

POL. – Com que regularidade o conselho geral se vai reunir?

M.G. – No mínimo reúne-se quatro vezes por ano, mas, no início, vamos reunir com mais frequência porque existem vários assuntos que têm de ser tratados. No próximo encontro temos de aprovar as normas de funcionamento, logo a seguir há que definir o regulamento para a eleição do presidente porque o seu mandato termina em relativamente pouco tempo.

POL. – As reuniões são públicas?

M.G. – Não, o presidente do IPL pode ser convidado, sempre que entendermos que a sua presença é relevante, mas não tem direito de voto.

POL. – Está previsto que os membros do conselho geral dêem a conhecer aos pares o que se passou nas reuniões?

M.G. – Na minha opinião os documentos e as actas das reuniões do conselho geral devem ser disponibilizados no site institucional do Politécnico de Lisboa. É evidente que esta decisão deve ser tomada no conselho geral, mas penso que ninguém se vai opor.

Nunca é tarde para empreender

A crise mudou a vida a um antigo aluno do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. O que tinha como certo fugiu por entre os dedos. Com uma carreira longa, João Paulo Sá confrontou-se com o desemprego. A vontade e o optimismo levaram-no de novo ao ISEL, onde a sua Startup ganhou vida.

Textos de Clara Santos Silva • Fotos de Sofia Gomes

AOS 49 anos, João Paulo Sá ficou desempregado. Foi aluno do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa entre 1979 e 1982 em Engenharia Electrónica e de Telecomunicações. Mal concluiu o curso ingressou no mercado de trabalho. Já na altura a escola do IPL promovia a ligação com as empresas, nomeadamente com o Grupo Centrel, actual EID – Empresa de Investigação e Desenvolvimento. A área de actuação envolvia a parte de comunicações, telefones e desenvolvimento de soluções.

João Paulo agarrou o seu primeiro emprego, na área de centrais privadas de telefones. Trabalhou no desenvolvimento de um interface na área de electrónica e de alguma programação. Tratava-se de um projecto financiado pela Nato, onde se incluíam várias instituições do ensino superior.

Um novo convite de trabalho surgiu após dois anos, desta vez para a Compta, na área de informática. Foram quinze anos em que circulou pelas várias empresas do grupo. Diz aliás que começou a ser uma “moda”, a de um grande grupo criar empresas para determinada área de negócio, neste caso sempre ligadas ao desenvolvimento de sistemas de informação.

Pelo entremeio a ligação ao ISEL manteve-se, mas sempre no foro pessoal. Os outrora seus professores, Luís Osório e Manuel Barata, acabaram por manter com João Paulo uma relação mais pessoal.

Um novo convite de trabalho levou-o a mudar para a Siemens, desta vez para a área de Soluções de Gestão Documental. Ficou como responsável na Siemens Business Services SPS.

A Fujitsu Siemens tinha já uma rede de parceiros muito forte a nível



mundial, e por isso não quis integrar todos os funcionários das restantes empresas, acabando por criar uma empresa de serviços para esse efeito.

Nos vários países onde estava estabelecida a empresa, quem liderava a área de infra-estruturas passou a administrador da mesma. Assim, em 2006 saiu da Siemens para integrar Fujitsu Siemens, onde ficou até 2009.

As oscilações do mercado levaram a Siemens a vender a sua parte à Fujitsu que ficou na Europa com três empresas de informática, as du-

as que já tinha e a terceira com 100% de participação. A estratégia passou por fundir as três empresas. Na Europa escolheram apenas um administrador de entre as pessoas da Fujitsu Services que já estavam há mais tempo. O seu posto foi extinto e a sua saída negociada, tal como a de muitos os outros.

Em Novembro de 2009 João Paulo Sá ficou livre para o mercado de trabalho e começou a usar a sua rede de contactos, onde se incluem pessoas amigas e a sua networking, onde

está naturalmente o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

A sua realidade mudou e a procura de emprego passou a ser o seu objectivo diário. Nunca ficou parado, e não recorreu apenas ao ISEL mas também a empresas de Executive Search ou de recrutamento.

Conhecedor do mercado, o gestor sabia ser uma má altura para arranjar rapidamente uma mudança dentro da sua área profissional. A parte de infra-estruturas é dominada por multi-nacionais que assumem as mesmas estratégias: “redução de quadros e muita consolidação de serviços de gestão”, diz. Mas, não baixou os braços. Foi quando surgiu a ideia de trabalhar por conta própria. Recorreu ao professor Luís Osório, do ISEL, que lhe disse haver uma oportunidade adequada à sua experiência na área de Gestão. A ideia era a de começar a colaborar nos projectos em que escola de engenharia do IPL estivesse envolvida. Para poder seguir este caminho teria que se candidatar para fazer parte do núcleo de empresas do Empreendedorismo, no ISEL. O antigo aluno não pensou duas vezes e deitou mãos à obra. Saiu da Fujitsu em Novembro de 2009, altura em que começou os contactos e o período de reflexão. No mês seguinte elaborou o projecto e entregou-o no Instituto de Emprego e Formação Profissional a fim de poder receber o subsídio de desemprego na totalidade.

A aprovação do projecto iria permitir-lhe receber a totalidade do subsídio de desemprego de uma só vez. Elaborou o projecto após contactos feitos com a Open – Incubadora e o ISEL. Presentes estiveram as componentes de marketing, financeira e de negócio. Esta não foi uma tarefa difícil até porque a sua experiência profissional lhe deu fortes bases para este tipo de trabalho.

Para além de todas as dificuldades inerentes à situação de desemprego, João Paulo acabou por ser envolvido numa outra relacionada com alterações de funcionamento dos Centros de Emprego. O crescente aumento do desemprego conduziu à criação de Centros Regionais do Instituto de

Um país de burocracias



O NOSSO país vive uma situação dramática com o constante aumento do número de desempregados. São mais de 600 mil os portugueses sem emprego e a viver o dia-a-dia nas burocracias. Os papéis controlam o tempo e os centros de emprego também. Desde os jovens licenciados aos profissionais experientes todos representam números para os índices tornados públicos nos meios de comunicação.

Também João Paulo Sá viu chegar o desemprego aos 49 anos, altura em que assumia uma posição de topo de uma empresa. Habitado a gerir situações de risco, viu esta etapa mais uma a ultrapassar, e nem parou muito para pensar no dramatismo da situação.

A sua experiência como gestor permite-lhe ter uma perspectiva do mercado de trabalho bem clara e, após alguma reflexão a ideia de trabalhar por conta própria foi a melhor saída, mas jamais pensou o embrenhado de burocracias com que se iria deparar.

Entre o pedido realizado ao Instituto de Emprego e Formação Profissional para poder levar a bom porto o seu projecto, e a resposta final, João Paulo teve que cumprir todas as etapas de um desempregado, nomeadamente a sua apresentação

periódica e prova de que continuava a procurar emprego. Naturalmente nunca esteve parado, foi contactando várias empresas para além do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa.

Mais de seis meses até obter uma resposta, que se mostrou incorrecta, foi para o antigo aluno do ISEL muito prejudicial. Diz mesmo que se soubesse da demora de todo o processo teria desistido do apoio. Criar uma empresa de consultadoria não envolve, na sua opinião, um grande investimento poderia fazê-lo pela via normal. No seu caso o investimento incidiu na aquisição de uma viatura, um curso de pós-graduação que está a tirar na Universidade Católica, e uma parte de mobiliário e informática, que nem irá necessitar, dado ser fornecido pelo ISEL. “O tempo de demora do Instituto de Emprego não foi ajustado à realidade actual”, diz “mais de três meses é incomportável.”

O consultor foi apanhado num processo de mudanças e foi este factor o que mais o prejudicou. Foram seis meses sem qualquer passo dado, o que diz ter sido muito negativo. Mais ainda, quando a resposta chegou, no Verão, época em que é mais difícil estabelecer contactos.

Projectos do ISEL mais fortes

OS PROJECTOS do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa têm uma grande falha na componente de gestão, segundo João Paulo Sá. Incidem muito na parte técnica, nomeadamente no campo de soluções novas para grandes empresas como a Refer, Galp e Brisa. Na sua opinião, um projecto bem fundamentado tem necessariamente que integrar uma componente de gestão calculada.

A área de acção dos projectos da escola de engenharia do Instituto Politécnico de Lisboa passam muito pela aplicação de novas soluções, mas falta sempre definir qual o impacto destas nos processos das empresas a quem se destinam. “A inovação traz alguma entropia”, diz o engenheiro. Pela experiência que adquiriu sabe que os quadros de topo das empresas estão ocupados e, quando aparece algum novo projecto, as empresas não têm como dispensar funcionários para se dedicarem à sua gestão.

No ISEL, João Paulo Sá está disponível para colmatar a necessi-



dade de um gestor para acompanhar passo a passo os projectos. Pareceu-lhe uma boa aposta que vai de encontro ao que gosta de fazer - uma parte de gestão estratégica e outra muito ligada a gestão de projectos. Numa perspectiva mais positiva conta sempre com a possibilidade de subcontratações, quer de amigos, quer de outras opções que o podem ajudar a reforçar qualquer necessidade que possa surgir.

A sua mais valia é a de que a sua formação de base, engenharia electrónica e de telecomunicações, é importante para que a gestão não

fique afastada da execução. A startup de João Paulo Sá integra todas as componentes de gestão. A ideia no ISEL é a de os professores aplicarem a tecnologia, usarem os finalistas e bolseiros para reforçarem as equipas e depois arranjam empregos nas áreas inovadoras e montarem empresas internas. Na opinião do consultor, em grande parte dos projectos, o atraso na sua aplicação subsiste na parte burocrática e na resistência à mudança, e por isso a área de gestão é essencial e um valor acrescentado.

Emprego e Formação Profissional para a recepção de projectos de emprego, ficando as estruturas centrais para dar resposta aos desempregados. O processo de mudanças levou a um consequente atraso na resposta ao seu pedido. Só em Maio, e depois de muitas insistências obteve feedback. Mais grave se tornou a situação

quando percebeu que a carta que lhe foi enviada não lhe dava direito ao subsídio de desemprego, baseando-se no facto de ter sido administrador. Optou por recorrer aos advogados da Fujitsu para enviar uma resposta fundamentada, provando que embora João Paulo Sá tivesse sido administrador, tal só aconteceu por convite

e por transição da empresa. Sempre descontou como funcionário. “Estava na função mas não na categoria.” A última resposta do Centro de Emprego só chegou em Junho de 2010.

Entretanto a burocracia continuou para a criação da empresa: João Paulo Sá – Gestão e Consultadoria. “A empresa já está criada, é unipessoal e é real”, afirma convicto. O último passo foi o processo de certificação de compras públicas para poder facturar o seu trabalho ao ISEL. Nesta fase é o único funcionário da empresa, não está à espera de criar um grupo de colaboradores fixos. É-lhe mais fácil usar a rede de contactos.

No espaço Empreendedorismo, no ISEL, partilhado com outras empresas pertencentes à Incubação Virtual da OPEN, nomeadamente a DailyWork, João Paulo diz já estar envolvido nos projectos da instituição, nomeadamente através do Giatsi – Grupo de



Investigação Aplicada em Tecnologias e Sistemas de Informação, coordenado por Luís Osório. Já realizou um contrato com a instituição e um protocolo para formalizar a colaboração.

Os projectos em que está a trabalhar já estão a gerar outros e estão a ser elaboradas propostas. Sabe bem que a crise traz consigo oportunidades e João Paulo Sá continua a estabelecer contactos para além do ISEL. Espera que esta crise seja uma oportunidade para a sua Startup.

Após mais de 25 anos de experiência profissional, o desemprego foi uma surpresa, mas nunca esmoreceu. A história de João Paulo mostra que o empreendedorismo não tem idade, porque “qualquer pessoa pode fazer o que quiser, a energia que gasta e o tempo que demora é que varia de pessoa para pessoa”. Para o gestor não há uma receita para o sucesso, mas é certo que as pessoas tem que estar disponíveis para fazer o que for necessário.

Desvaloriza o risco normalmente associado ao empreendedorismo, porque, pela sua experiência, risco há em todo o lado. No início da sua actividade, quando saiu da Compta e entrou para a Siemens começou a trabalhar em risco e por isso habituou-se a lidar com isso. Não vê no contratempo uma desmotivação, adapta-se aos problemas.

Sente que em Portugal há um problema de gestão e liderança por falta de conhecimento ou prática. Não há muita disponibilidade para investir nesta área, apesar das tentativas do Estado ao falar de investimentos para suscitar o interesse.

O seu acumular de experiência passou por muitas reestruturações que teve que fazer, montar linhas de negócio. A verdade é que o mercado não está numa altura de investimento, o que torna difícil a aposta das empresas em grandes iniciativas. “O conhecimento técnico arranja-se caso contrário compra-se, gerir tudo isto é mais difícil”, diz.

Este ainda é um terreno desconhecido. Em relação ao seu contributo enquanto gestor e consultor, no ISEL as coisas estão mais sedimentadas. Na OPEN ainda tem um percurso a fazer. Criar uma networking e fazer pura prospecção é o próximo passo.

Gestores: precisam-se!

COMO antigo aluno do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, João Paulo Sá esperava, que após tantos anos, a ligação do ensino politécnico ao mundo empresarial estivesse mais avançada. Decorreram mais de 25 anos desde a sua saída e, na sua opinião pouco mudou. Na altura estas ligações a empresas já existiam, mas só aquando de financiamentos. Um dos exemplos tem a ver com a Nato, que financiava os países com projectos locais ao nível da tecnologia, nos quais estavam envolvidas as universidades e politécnicos. Neste caso, a Nato não pretendia criar um produto, mas sim conhecimento. Surgiram alguns produtos no seguimento destas colaborações, mas nenhum que tenha vingado, segundo João Paulo.

O diagnóstico que o consultor faz aponta para a falta de profissionalização da parte do ensino superior que trabalha nos projectos, porque apenas aconselhamento técnico não é suficiente. Considera que os professores têm que ter uma estrutura própria para este tipo de projectos que não seja apenas a sua boa vontade. Diz ser uma questão de investimentos, uma vez que as empresas precisam de inovar para avançar. Uma das soluções, para o consultor, passa pela criação de áreas de inovação internas que acompanhem os saltos tecnológicos. Afirma que em Portugal, as empresas têm por

hábito obter financiamento ao estrangeiro para depois voltar a comprar no mesmo mercado. Havendo da parte do Estado um investimento elevado no ensino superior, nomeadamente em laboratórios para criar condições que permitam a professores e alunos estudar. João Paulo não percebe o porquê de não ir buscar conhecimento e tecnologia ao mundo académico. “Verifica-se um financiamento do exterior para as empresas evoluírem, porquê desperdiçar todo este processo”.

O antigo aluno é de opinião que por regra o mundo empresarial desconfia do meio académico, porque sente que está a entregar a sua empresa nas mãos de um fornecedor. Para diminuir o risco, as empresas recorrem a profissionais já existentes no mercado.

Com a emergência do empreendedorismo é importante que as instituições integrem uma componente de gestão no plano curricular.

“O conceito das startups nas universidades e politécnicos está bem implementado e há casos de sucesso em Portugal”, diz. O conselho que deixa enquanto empreendedor é que “apostem, porque neste momento a tecnologia está a entrar no mundo empresarial e na vida das pessoas. Tudo o que poder ser melhorado, renovado e reinventado é o melhor. O nosso país tem todas as condições para o conseguir”.



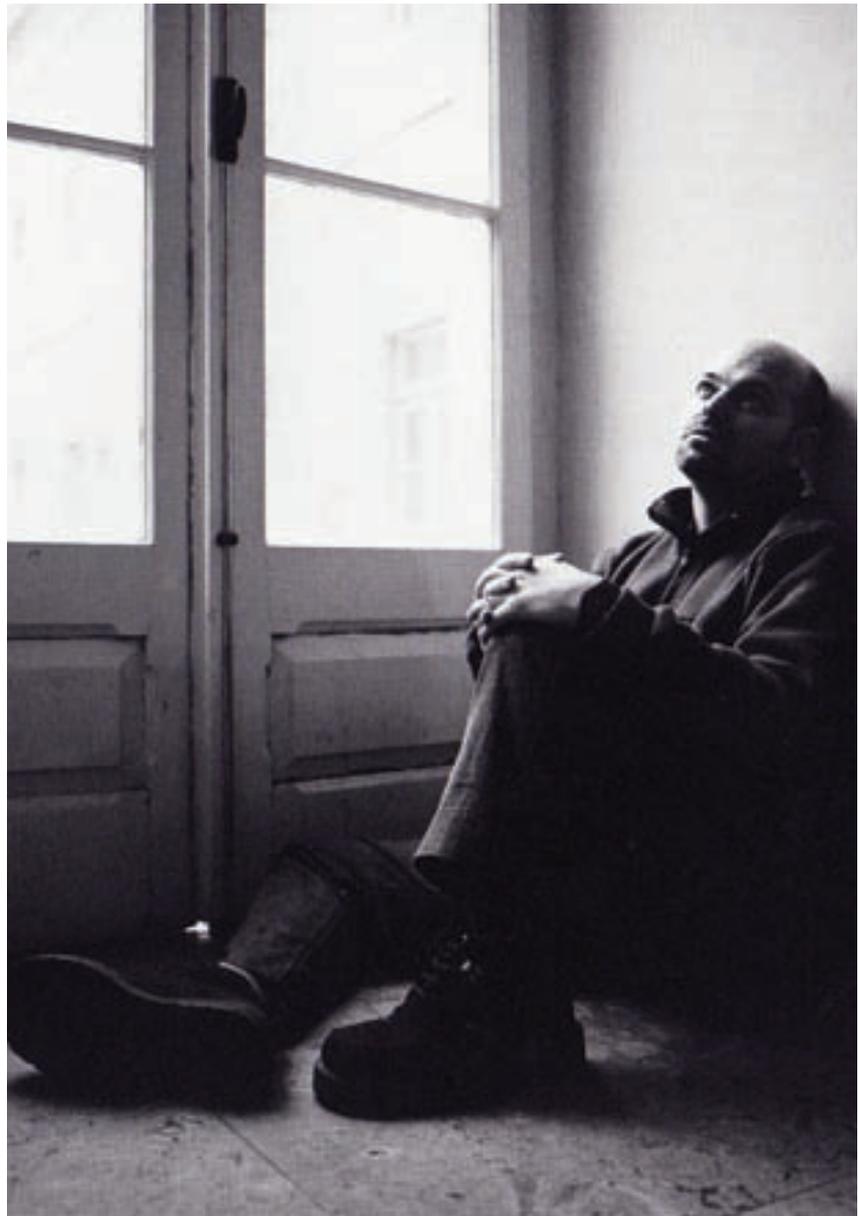
Pedro Sena Nunes: Realizador, Produtor, Fotógrafo

A saga de um viajante do mundo

A vida é um constante corrupio, em que os três filhos e o trabalho se conjugam em plena harmonia. O interesse por tudo o que o rodeia leva-o a querer mostrar aos outros o que vê e o que pensa. Apaixonado pela experimentação, Pedro Sena Nunes, continua a chamar à Escola Superior de Teatro e Cinema “a sua escola”, o lugar onde aprendeu a “disciplina do olhar”.

Textos de Clara S. Silva

ATRAVÉS do ensino do Cinema Documental, Pedro Sena Nunes cria, para outros, etapas às quais nunca teve acesso. O seu primeiro contacto com as câmaras deu-se com o “cargo” de fotógrafo oficial da família, atribuído pelo pai. Nessa altura o seu olhar sobre os outros mudou e, foi percorrendo um pouco o caminho da invisibilidade das festas familiares criando histórias visuais da sua vida, se bem que um pouco por obrigação. Na família não pode dizer que tenha alguém da área. O pai está ligado ao turismo e a mãe à medicina. Neste momento, Pedro Sena Nunes tem consciência que a fotografia quase não ocupa espaço na sua vida profissional mas, durante alguns anos fez trabalhos, chegou mesmo a organizar exposições – “à sua escala”. Considera que de certa forma ganhou “aversão à fotografia”,



não sabe muito bem porquê. Mas, habituado às lides do ensino não deixa de referir que no campo da fotografia tem dois registos fortes, um mais relacionado com a profissão, trabalhos para os quais o convidam e que aceita fazer, outro, refere-se a um ambiente mais realista, uma espécie de “diário energético”.

Ver aquilo que os outros não vêem é um dos seus objectivos e para isso usa a câmara como ferramenta. Para o realizador, o fotógrafo está na origem de tudo aquilo que faz, “é um pouco como o cinema primitivo”, pelo menos como gosta de olhar pare ele. Fascina-o a passagem da fotografia à imagem com

movimento. A fotografia permite encontrar movimentos com mais estabilidade e, por isso acaba por se tornar um acto mais solitário do ponto de vista de uma equipa.

Os estudos no ensino secundário nada indicavam quem viria a ser Pedro Sena Nunes no futuro, até porque estudou Economia e Geologia, considerando-se apto para qualquer uma das áreas. Este facto fez com que se sentisse um pouco perdido nas escolhas seguintes, optando por fazer testes psicológicos na escola. Os resultados indicaram sempre a informática e as engenharias.

Na altura só a Escola Fonseca Benevides leccionava o curso de Electrónica, e o acesso era limitado pela realização de provas. Entrou na escola e gostou muito porque lhe deu a oportunidade de fazer imensas experiências. Seguiu-se o ensino superior e a sua passagem por Engenharia de Máquinas no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Cedo percebeu que esse não seria o caminho e acabou por mudar para o curso de Engenharia Química. De alguma forma era a aproximação ao cinema através dos químicos. Isto sempre assumindo que não existia qualquer escola de cinema em Portugal.

A vida académica levou-o, através de um grupo de amigos que chegasse até ao TUT – Teatro da Universidade Técnica de Lisboa, inicialmente como acompanhante. Acabou por fazer os testes para integrar a companhia e por lá ficou cinco anos. Na altura, o director do TUT, Jorge Listopad, era também o director da Escola Superior de Teatro e Cinema. O contacto permitiu a Listopad perceber a paixão de Pedro Sena Nunes pelo cinema, dando-lhe a conhecer o caminho para a concretização das suas ambições. Concorreu e conseguiu ingressar na escola, na altura ainda no Bairro Alto.

Sempre numa perspectiva de total observação de tudo aquilo que o rodeia, e já na escola, não se sentia muito identificado com a comunidade. O seu desejo de transdisciplinaridade fazia com que não vivesse apenas o curso, os colegas e os projectos. O facto de poder, na época, conviver com os restantes alunos do

Um olhar sobre si próprio



Documentário "Margens", de 1995

PEDRO Sena Nunes não consegue dissociar a realização da produção. Vive num constante desafio e por isso a parte da produção é uma das suas áreas mais produtivas.

Foi este lado de Pedro Sena Nunes que o arrastou para a pedagogia, na qual tem vindo a trabalhar nos últimos quinze a dezasseis anos. "É como que um olhar emergente para as pessoas que estão a começar", diz. É produtor dos seus próprios trabalhos, mas também de projectos de pessoas que se iniciam na área e em quem acredita, independentemente da idade. Não deixa de frisar que a produção traduz um grande investimento, que nem sempre tem retorno, mas permite-lhe um crescimento interior e exterior, compensatórios.

A imagem no cinema é para Pedro Sena Nunes apenas uma parte do seu trabalho, mas não a que lhe exige mais atenção. O que requer mais esforço e dedicação é o som. Acredita que no seu trabalho 53% é som, 47% é imagem. Considera o som "mais visual que a própria imagem", pois transmite estágios emocionais. Reforça a ideia dizendo que o som "tem uma dinâmica sobre o inconsciente, onde a imagem nem

sempre entra". Daí que nalguns dos seus trabalhos a questão do som tenha sido levada à exaustão, como se de uma obsessão se tratasse.

Os trabalhos que faz partem sempre de uma resposta a um determinado projecto, que é quem dita as regras. Dá como referência, Dziga Vertov, grande inovador do cinema soviético, que no filme "O homem da câmara de filmar", coloca toda "a gramática do ecrã ou a linguagem do cinema". Neste filme é criado um resumo que se vai desmontando dentro do próprio filme. É um filme que classifica como tendo um sentido muito pedagógico, até porque continua a ser, na sua opinião, um trabalho muito actual.

Os filmes de Pedro Sena Nunes revelam o olhar para o movimento do corpo como aquilo que de mais natural e de mais interessante temos. Talvez por isso, a Vo'arte, de que faz parte, criou há cerca de quatro anos uma mostra internacional de vídeo-dança, que deu origem ao actual Festival "In Shadow", no S. Luiz. Ao longo destes anos, esta iniciativa tem mostrado um resumo de dedicação e experiência acumulada daquilo que é a fusão entre a arte do corpo e a arte da imagem.

Conservatório, na área da dança, da cenografia e do teatro, isso sim permitia-lhe “beber” experiência de todas as artes envolventes e reflectir sobre todas elas. O refeitório era o local de eleição para respirar toda esta envolvimento e conhecimento.

Entretanto, em parceria com o colega Miguel Seabra, também aluno da ESTC e Eric da Costa, da cenografia fundou o “Teatro Meridional”, que ainda hoje existe, e ao qual ainda pertence, apesar de menos presente. O espírito empreendedor levou também ao surgimento de uma Associação de Estudantes, que não existia na área do Cinema e do Teatro.

A par de todas estas “aventuras” criaram uma empresa e ergueram uma Associação sem fins lucrativos, a “Avanti.pt”. Era essencialmente constituída por pessoas auto-didactas, sem a habitual formação, mas com grande valor. Para Pedro Sena Nunes, este é, aliás, um aspecto que lhe diz muito. O valor dos que conseguem ir longe mesmo sem uma base teórica tão formada.

Com este projecto seguiram muito a linha da produção alternativa e independente, na perspectiva de conquistar um espaço de visibilidade dos projectos de vídeo, alguns foram bem sucedidos. Chegaram a criar blocos de exibição, onde a qualidade de projecção era totalmente assegurada.



Documentário "Devaneios Flutuantes: Carlos Paredes", de 1998

Na Escola Superior de Teatro e Cinema nunca teve muito acesso ao cinema documental. A vertente pedida aos alunos era mais a da ficção. No entanto, Pedro, já aí dava mostras de uma tendência para um outro lado mais real. Ter um actor a representar um papel que existe na realidade, nem sempre o deixa muito satisfeito com o resultado. O facto de ter experiência de trabalho com actores,

de ele próprio já ter sido actor, não por ambição, mas para saber como é estar do outro lado das câmaras, permite-lhe saber que não é esse o lado que quer desenvolver. Para o realizador, “há um ritual de gestos, de olhares, que as pessoas têm e que o actor não consegue dar, sem ser com muito trabalho”.

Todo o percurso de Pedro Sena Nunes mostra tratar-se de alguém, quer enquanto indivíduo, quer como profissional, muito sensível e muito ligado às emoções que o mundo lhe transmite. Neste contexto diz terem sido poucas as situações em que se tenha emocionado num trabalho perante a colaboração de um actor. Aqui está a sua marca, a de gostar de estar e mostrar as pessoas como são na verdade. Na sua opinião, o cinema deveria simplificar no registo do quotidiano e das suas pequenas rotinas, porque só assim é possível entender o que vem a seguir e o papel do actor.

Os quatro anos do curso na Escola Superior de Teatro e Cinema foram dedicados à realização, área que até a essa altura não existia, porque não era vista como formação.

Diz que havia alguém a realizar, mas sem qualquer preparação para o fazer. A “disciplina do olhar” que diz



Documentário "Elogio ao 1/2", de 2005

Um macrocosmo chamado Portugal

O INDIE Lisboa 2010 marcou a estreia de “Há Tourada na aldeia”, longa-metragem de Pedro Sena Nunes sobre a província da Beira Alta. O forcão da capeia arraiana serviu de tema ao documentário, co-produzido pela RTP, e mostrou ao público atento, no Grande Auditório da Culturgest uma prática única no mundo, a de enfrentar um touro com um forcão levantado por trinta e seis homens. Este trabalho, segundo o realizador, vem colocar o “dedo na ferida” na polémica dos maus tratos do animal e na tradição, mas também da desertificação das aldeias da zona arraiana, na Beira Alta. A tourada foi já reconhecida pelo Ministério da Cultura como um espectáculo e, cada vez atrai mais público. Considera ser um filme “tendencioso, mas expositivo porque mostra a verdade”. Continua dizendo que “o olhar mão pode ser inocente mas assume um compromisso de respeito, em que a subtilidade está sempre presente”.

Este documentário faz parte do projecto de vida de Pedro Sena Nunes, que se reúne uma série de longas-metragens, cujo objectivo é o de mostrar um olhar profundo e atento sobre o microcosmo representativo de cada província portuguesa. A ideia é a de criar uma “pele” sobre o seu país, usando o seu olhar. As reacções, na Culturgest, não poderiam ser

melhores. O trabalho foi aplaudido durante minutos pelo público, e houve mesmo quem usasse expressões como “trabalho magnífico” e “grande



coragem” para classificar o trabalho apresentado.

É um projecto de muitos anos que está sensivelmente a meio e que se-

gundo o realizador está ligado, indirectamente, a um nome – António Reis, segundo explicou na conferência de imprensa realizada após a estreia no Indie Lisboa 2010. No contexto do primeiro curso europeu de realização em documentário fez “Margens”, dedicado a Trás-os-Montes que iniciou o projecto.

Num profundo “confronto com o desconhecido”, Pedro Sena Nunes pretende mostrar trabalhos muito diferentes uns dos outros, sem que esteja implícito o compromisso do público reconhecer a província retratada em cada um deles.

Pedro diz serem vivências, contactos, ou até mesmo um retrato singular de apenas uma pessoa, como aconteceu com “Morte do Cinema”, sobre a Beira Litoral. O trabalho “Entraste no jogo assim tens que jogar assim na terra como no céu”, mostrou o Minho e a relação entre o profano e o religioso. Sobre a Beira Baixa fez “Da pele à pedra” baseado nos mineiros, tendo-o levado a descer a cerca de 450 metros de profundidade. “Elogio 1/2”, dedicado ao Algarve acabou por ser convite de Anabela Moutinho, em resposta a uma encomenda de “Faro – Capital da Cultura”.

Seguir-se-á um documentário sobre Fátima, projecto sobre a Fé e, que com a visita de Bento XVI, segundo o realizador fará todo o sentido.

ter aprendido na escola usa-a para tudo do ponto de vista da criação, soluções e pensamento da produção, tendo como pano de fundo a coerência.

Pedro, como realizador gosta de arriscar tecnicamente com tudo aquilo que tem à sua disposição e, por isso prefere a combinação de técnicas que lhe permitam correr riscos. Para que

tal aconteça, a formação é sempre fundamental, por isso mesmo, findo o curso decidiu sair do país. Esteve cerca de um ano em Barcelona, seis meses em Lyon e Budapeste, em áreas ligadas à imagem, mas sempre a pensar na realização. O apoio de José Bogalheiro, director do departamento de cinema da ESTC foi crucial para

frequentar um curso europeu intitulado “Visions”, na área da realização em documentário. Passou ainda por um programa europeu, a que poucos tiveram acesso, cuja primeira etapa decorreu em Barcelona, onde Pedro era o único estrangeiro. Foi com esta experiência no âmbito da criação que deu os primeiros passos em aborda-

gens mais pessoais e, onde fez o trabalho "Fragments between time and angels", que considera o seu trabalho preferido. Apesar dos doze anos que entretanto passaram continua a ser para o realizador um resumo de todas as suas ideias.

Deu por terminada a formação quando regressou a Portugal, a convite da "Expo98", para realizar dois filmes. Nesta altura deu-se uma grande mudança na sua vida. Reencontrou a bailarina que convidou para ser o "anjo" do documentário "Devaneios Flutuantes: Carlos Paredes", com quem acabou por casar e ter três filhos. É aliás uma relação que se alarga à Associação que criaram, a Vo'arte e, por isso a muitos trabalhos em conjunto, para além da paixão pelas viagens e pela busca de mais conhecimento.

Após a "Expo98", José Bogalheiro, Seixas Santos e a Ana Luísa Guimarães da Escola Superior de Teatro e Cinema, convidaram Pedro Sena Nunes para a área de realização. O desafio passava por leccionar, criar e estruturar a disciplina de cinema documental. Foram cerca de cinco a seis anos que passou na escola, mas a relação continuou em situações pontuais. Diz ter vivido muito a escola e tudo aquilo que lá fez.

A dada altura e, após uma experiência em Barcelona, onde também foi convidado para dar aulas optou por recusar. O ensino impedia-o de continuar a dedicar-se a outros projectos, as opções começaram a ter que ser feitas. Ainda deu alguma formação em Glasgow, mas acabou por dedicar-se mais à realização.

O facto de ser pai de três filhos também trouxe grandes mudanças à sua vida, o ritmo passou a ser outro. Sempre foi um pouco viajante do mundo, mas desde que a família cresceu a viagem passou a ser mais interior. Talvez por isso nunca deixe de referir ser pai no seu curriculum,

porque considera como parte das suas funções, como uma profissão.

Nasceu numa família dita numerosa. Pedro é o mais velho de cinco irmãos, todos com filhos, o que não é muito comum na sociedade actual. No fundo aquilo que pretende mostrar é que acredita no projecto família, tal como nos seus projectos de cinema. As preocupações da família estão sempre ao mesmo nível do seu trabalho no cinema. Há sempre uma certa harmonia em tudo aquilo que faz, e é assim que se vê como pessoa. Ao contrário



do que muitos dizem, no seu caso, ser pai não mudou a forma como encara as suas "outras" profissões, só lhe trouxe mais riqueza. Pedro Sena Nunes considera que o cinema como trabalho de equipa tem uma perspectiva de família, não que o veja assim, mas porque o tempo o ensinou que há coisas que são "separáveis". Aprendeu também que há um lado unificador que a família traz, "uma dimensão de vai e vem".

Desde o início da sua carreira, os prémios têm-se sucedido. "Efémeros Sentidos", de 1995 foi o seu primeiro trabalho premiado. Foi um trabalho multidisciplinar, como não poderia dei-

xar de ser, que envolveu pessoas de todas as áreas. Diz ter sido um filme com um "fascínio de quem quer fazer as primeiras coisas".

Obteve prémios em Vila do Conde, no estrangeiro, nos "Encontros da Malaposta", entre outros. O realizador considera os prémios fundamentais, talvez por já ter participado em júris e feito programações, levando a que ele próprio se veja forçado a fazer opções. Toda esta experiência faz com que valorize e perceba que há filmes que são demasiado experi-

mentais, cuja principal preocupação não é a de conquistar um júri.

Num dado momento, no seu percurso, toda esta euforia deixou de ter tanto valor. As temporadas vividas intensamente ocupavam o seu estado de espírito. Ainda assim, alguns prémios, sendo monetários, permitiam-lhe investir noutros projectos, e essa era a maior vantagem.

Aos 42 anos, Pedro Sena Nunes, não está apenas com atenções voltadas para o cinema. Considera que o facto de não se dedicar apenas a uma actividade faz com que consiga colaborações em diversas variantes. Assim, quer o seu discurso, quer o

resultado dos seus trabalhos sai valorizado, mesmo que não convença um júri ou um público.

Apesar de nem sempre ser mencionado o seu trabalho nas longas-metragens, tem vindo a trabalhar num projecto que enquadra várias, a primeira das quais estreou no Indie Lisboa 2010, retratando a Beira - Alta. Este trabalho, que pensava já ter concluído, é um projecto de vida e passa pela realização de um documentário para cada província portuguesa mostrando os microcosmos de cada uma.

O realizador nunca acaba um projecto para começar outro, pois está sempre a fazer vários trabalhos. Tem investido muito numa das áreas que mais o fascina, a dança. Os trabalhos de vídeo-dança vão-se sucedendo, estando neste momento a realizar um vídeo com invisuais.

Através da Vo'arte o investimento em projectos de dança ligados à comunidade tem sido muito. O projecto "O Aqui e o Nada", de Ana Rita Barata, que integra deficientes com paralisia cerebral, do qual resultou o documentário "Corpo Todo", foi seleccionado para um festival internacional nos Estados Unidos da América. A segunda etapa deste projecto, a que chama "Ícaro" já estreou na Casa da Música e foi muito bem acolhida.

Na Gulbenkian estreou "Bebé Babá", um projecto de 2001, em parceria com a Companhia Musical Teatral, que partiu de um vários workshops feito com mães reclusas do estabelecimento prisional de Santa Cruz do Bispo e os seus bebés.



O realizador no Indie Lisboa 2010, após estreia da curta-metragem "Há Tourada na aldeia"

Está também a trabalhar num outro documentário sobre Bairros Problemáticos. Foi entretanto com a Vo'arte a S. Paulo, no Brasil, para uma digressão.

Nos "Encontros de Viana" de 2010, dedicados à exibição e divulgação audiovisual faz sempre um trabalho com crianças, através das escolas primárias e secundárias. É dada a oportunidade às crianças de escrever os seus próprios argumentos, dramatizar e filmar. "Histórias na praça", assim se chama a iniciativa, decorre na Praça de República e já conta com sete anos de existência.

Para o realizador, o ano de 2010 terminou com "Dança e Paisagens

Urbanas", em Lisboa, e com o "Festival In Shadow, que inclui vídeo, performance e novas Tecnologias. Com este último foram quinze dias de trabalho "non stop", no S. Luiz. Enquanto isso vai pensando em todos os projectos que ainda tem para o futuro, assumindo que a longa-metragem não é de todo uma prioridade.

Em harmonia total com os seus vários trabalhos ainda há o ensino. É algo que gosta muito de fazer e, por isso não pôde desligar-se totalmente da pedagogia. Continua no Etic – Escola Técnica de Imagem e Comunicação, entre outras instituições com as quais colabora pontualmente, nomeadamente em mestrados.

Para Pedro Sena Nunes o importante continua a ser "o olhar o outro, o confronto com o desconhecido" e por isso vive cada momento de forma "descontrolada, para mergulhar até onde lhe for possível". O limite para este antigo aluno e professor da Escola Superior de Teatro e Cinema, nunca foi atingido. Os anos vão passando e o realizador pensa sempre em dar outros passos. Para se sentir tranquilo tem sempre que se esgotar no assunto, mas nunca deixando de pensar no público, nunca ficando indiferente.

Promover e divulgar a Arte

ACTUALMENTE, Pedro Sena Nunes faz parte da Vo'Arte, uma Associação Cultural sem fins lucrativos cujo objectivo é o de promover e divulgar as artes, apoiar e produzir projectos artísticos multifacetados. Aqui, Pedro Sena Nunes vai mais além do papel de consultor, tem uma ambição maior. Para além de permitir que acumule

experiências, algo que o caracteriza enquanto profissional, entende que é uma forma de partilhar e dar o seu contributo. No fundo, vê-se mais como um consultor artístico dos projectos de natureza criativa. O seu papel passa por fazer com que a produtividade seja melhor para todos e para o resultado final dentro da equipa.

Fragmentos de um cinema vivido...

O INGRESSO na Escola Superior de Teatro e Cinema veio avivar ainda mais a vontade de Pedro Sena Nunes de dar o seu contributo às artes. Esta vontade, partilhada por outros fez com que, na época, o espírito empreendedor estivesse ao rubro e gerasse associações, que como a Avanti.pt, abriu portas à produção alternativa. A Apordoc – Associação pelo Documentário, segundo o realizador surgiu noutra perspectiva, mais de um convívio de pessoas desde as Ciências Sociais, ao cinema e áreas mais técnicas “muito transversais”, que se interessavam pelo documentário e que debatiam todas as questões com ele relacionadas sobre o cinema numa “zona franca”.

Os encontros da Apordoc, decorriam no Museu de Etnologia, com o apoio de Pais de Brito, com a presença do vice-director da cinemateca, José Manuel Costa, Manuel Costa e Silva, um pedagogo, nas palavras de Pedro Sena Nunes, que dirigiu os encontros da Malaposta e se dedicou à única revista de cinema que existia e do cineasta António Reis. Este convívio foi muito marcante, segundo o antigo aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema. Actualmente, Pedro Sena Nunes não pensa que as coisas se mantenham como na altura. Na sua opinião, os concursos são poucos e envolvem quase sempre as mesmas pessoas, não favorecendo o diálogo.

A Apordoc, na altura não estava legalizada, e entretanto teve que passar por esse processo, levando a que tudo mudasse. A sua actividade passou a ser algo mais complexo e muito mudou. Mas, sabe que possivelmente não poderia ser de outra forma, pois talvez não haja solução para esta questão – “dizer as coisas frontalmente não chega”.

Os “Encontros de Viana” são para Pedro Sena Nunes, uma outra etapa do diálogo, pois significam dez anos de um trabalho de observação das escolas e dos documentários.

O realizador, ainda teve uma forte intervenção no surgimento da Asso-



ciação de Realizadores, da qual também já se sente muito afastado. Diz existir muita disparidade, o que não promove a união dos profissionais do cinema. Diz ser necessário trazer de volta um cinema mais comum. Para o Pedro, o cinema é uma linguagem, qualquer que seja o género, e há uma ditadura do olhar dentro do próprio cinema que considera estar mal resolvida. Muito, diz, por tão poucos terem acesso a um cinema de maior dimensão, porque são sempre os mesmos envolvidos no processo de apoios. Há muito a ideia de que o cinema tem como objectivo gerar dinheiro, inclusive o Ministério da Cultura e, é algo que considera correcto. No entanto, pensa que os profissionais que procuram fazer dinheiro com o cinema deve estar afastados das relações com o Estado, ou pelo menos não as terem de forma tão directa.

Uma mudança que acolheria com agrado seria o facto do Instituto do Cinema ter uma maior atenção para com os novos talentos, que se iniciam sem grandes meios, nem curriculum, nem experiência. Sente que o cinema deveria passar por um incentivo. Realizar concursos com acesso dife-

renciado para uma preparação dos públicos e dos criadores. Seria para o realizador uma boa opção, porque actualmente para quem acaba um curso e pretenda ser um jovem empreendedor vai encontrar imensos entraves.

No campo do ensino afirma convicto que a Escola Superior de Teatro e Cinema foi a sua escola, e enquanto lá esteve viveu-a tão intensamente quanto pôde. O regresso deu-se no papel de professor, mas sempre porque acreditou no projecto. Em Portugal considera que as escolas estão muito bem apetrechadas para poder fazer algo mais, mas faltam ideias para continuar. Há países em que o circuito universitário no campo das artes é muito forte. Segundo ele, muitos dos filmes deste circuito são exibidos nas universidades que têm espaços próprios para o efeito.

A continuidade da apresentação de filmes da ESTC em festivais e outras iniciativas já vem do tempo em que lá estudou. O mais importante, do seu ponto de vista, é apresentar os filmes num contexto pedagógico, com o resultado de outros alunos, até porque “cada um tem que descobrir o seu próprio olhar”.

Delphim Miranda na Escola de Educação

Contar histórias com marionetas

Professor de educação visual, cenógrafo e figurinista, Delphim Miranda utiliza as marionetas como um instrumento pedagógico ligando a expressão plástica à animação. Foi este multifacetado artista que esteve na Escola Superior de Educação de Lisboa com a sua exposição “30 anos com as marionetas”.

Textos de Jorge Silva • Fotos de Sofia Guerra



AO LONGO da sua vida, Delphim Miranda, tem tentado seguir a premissa de desempenhar uma profissão que lhe dê vontade de viver. O gosto pelas marionetes surgiu em 1976 quando era professor de trabalhos manuais na Escola Preparatória Damião de Góis e teve de enfrentar uma turma difícil.

Quando perguntou aos alunos o que queriam fazer eles responderam marionetas de fios. Na altura não sabia nada acerca do assunto, mas não se atrapalhou, foi comprar livros e fez o seu primeiro boneco, o “Damião” que é um auto-retrato. Foi um início de uma relação que já dura há 30 anos.

Mas foi na pintura que o artista se iniciou, frequentou o curso de pintura da Escola Superior de Belas Artes, onde contra a corrente sempre trabalhou na base do auto-retrato.

Durante a Expo-98 Delphim Miranda participou na “Peregrinação” onde conduzia um dos peregrináveis. Tam-

Recordações do artista enquanto jovem

DELPHIM Miranda é igualmente o autor dos textos que apresenta nos seus espectáculos. A inspiração vem-lhe das suas memórias, como por exemplo o gato “gatafunho” que surgiu da recordação do seu gato de infância.

Numa época em que o áudio visual domina, o artista desafia que ponham alguns dos seus bonecos em cima da televisão e vejam o resultado. De certeza que a televisão ficará apagada nesse dia.

Durante os seus espectáculos gosta que os espectadores experimentem os seus bonecos, sentindo a sua textura e as suas formas. Esse contacto é fundamental para se criar uma empatia entre o artista e o seu público. Delphim fica feliz quando, no final das suas representações, verifica que miúdos e graúdos se aproximam dele e demonstram interesse em manusear os seus bonecos. Esse gosto pelo contacto físico com o público veio-lhe da infância, quando



estava a assistir com o pai a um espectáculo no Monumental e no fim lhe pediu para ir mexer nos adereços.

Viver exclusivamente das marionetas não é financeiramente rentável, daí o seu percurso como docente, mas o gozo que retira quando faz uma marioneta é o motor que o faz continuar a escrever textos e a ilustrá-los com bonecos.

Actualmente é solicitado para apresentar os seus espectáculos pelas câmaras municipais e pelas esco-

las, como aconteceu na Escola Superior de Educação de Lisboa.

A reacção dos alunos da ESELx à exposição foi muito positiva, os alunos realçaram a importância destas iniciativas, na sua formação como futuros professores. Também os docentes da Escola manifestaram o seu apreço pela exposição, nomeadamente nos projectos de expressão plástica que os alunos poderão realizar baseado no que viram.

bém passou pelo cinema tendo participado no filme “Reguem” de Alain Tanner onde desempenhou o papel de um pintor copista.

O teatro também desempenhou um papel importante na vida do artista para além dos seus espectáculos, realiza cenografias e figurinos e adereços para diversos grupos.

Actualmente o artista conta histórias através dos seus bonecos, percorrendo o país e participando em diversos festivais de teatro nacionais e internacionais.

Delphim Miranda esteve sempre ligado à formação. Começou por leccionar as disciplinas de educação visual e trabalhos manuais, participando mais tarde nas equipas de intervenção artística do Ministério da Educação e nos cursos de promoção de educadores de infância. O formador liga a expressão plástica à animação e às máscaras, os cabeçudos os gigantones funcionam como elementos para dinamizar uma acção. Para Delphim Miranda é possível, através das marionetas,

abordar toda uma série de áreas expressivas e artísticas, começando pela pintura, passando pelo texto e acabando na mecânica.

Com materiais fáceis de utilizar como o cartão, a cola e madeira, é possível dinamizar um texto criando uma relação de comunicação com os alunos.

O boneco “Damião” e os amigos

DAS mãos de Delphim Moreira saíram ao longo destes trinta anos duendes, cavaleiros, reis, animais e estranhas criaturas feitas a partir de caixas de detergentes, bolas de brindes ou caricas. A mala dos bonecos é um dos seus objectos mais emblemáticos. Consiste num conjunto de bonecos, alguns deles muito simples manipulados apenas por um dedo, que se transforma num instrumento pedagógico desde o jardim-de-infância até ao fim do 1.º ciclo, estimulando a aprendizagem da oralidade e da escrita das crianças.

Mas existem outros bonecos famosos, como a Nau Catrineta com o capitão, o diabo e o gajeiro a bordo, os dados que têm problemas



de consciência por serem viciados, ou ainda a “rata telecomandada” que foi mas famosa que os actores com quem contracenava.

Victor Macieira (1942-2010)

O biólogo que se apaixonou pela Comunicação Social

Falar de Victor Macieira, falecido prematuramente em Maio de 2010, biólogo de formação, é contar a história de uma arrebatadora paixão pela Escola Superior de Comunicação Social, a que dedicou os 22 melhores anos da sua vida. Em 1988 integrou a comissão instaladora que tinha a tarefa de pôr a funcionar um projecto educativo inovador no país. O desafio foi vencido e a ESCS não foi apenas “mais uma escola” e muito menos “... uma escola a mais”.

Texto de Alexandre Viegas

DURANTE a construção do edifício da ESCS, Victor Macieira reunia-se todos os sábados de manhã com os responsáveis pela obra. Esta dedicação levou a que escola fosse terminada um mês antes do prazo e dentro do orçamento previsto.

Quando cessou funções na comissão instaladora, em 1996, recusou transitar para a carreira docente. Nunca se viu como um académico a ensinar teorias. Foi então nomeado director do gabinete de gestão e multimédia, e se hoje a ESCS é uma das melhores apetrechadas em termos técnicos a ele o deve.

Foi ele a encetar negociações com a RTP e outras empresas na área dos audiovisuais, para que a escola estivesse sempre na vanguarda tecnológica. O estúdio virtual, a TV digital e o programa E2, são alguns exemplos daquilo que fez para que ESCS fosse uma referência no ensino superior público.

Mas a sua apetência pela área gráfica e dos audiovisuais já vinha dos seus tempos da faculdade de ciências onde se licenciou em ciências biológicas, e onde foi responsável pela secção de folhas da associação de estudantes.

Esses conhecimentos gráficos aprofundaram-se no Ministério da Educação no centro de textos durante os anos sessenta. Em 1976 foi montar a Editorial do M.E. tendo sido nomeado vogal do conselho de gestão. Em 1984



foi para o Diário Popular onde era responsável pelos homens da “ferrugem” como eram chamados os funcionários das rotativas. Rapidamente ganhou o respeito e a admiração daqueles homens duros e rudes. Sempre que havia um problema com as máquinas, fosse a que hora fosse, Victor Macieira ia ao encontro dos seus subordinados para resolver o problema. Quando saiu do Popular, em 1986, não escondeu a

emoção, quando os seus homens lhe ofereceram a placa que o jornal lhes tinha dado quando completaram os 30 anos de serviço.

Esta empatia com os seus funcionários acompanhou-o ao longo da vida, defendia o seu pessoal até ao fim e gostava de os chamar a participar nas decisões. Sempre que era necessário explicar algum pormenor mais técnico chamava quem lidava com o

equipamento e quando visitava as feiras internacionais de audiovisual não prescindia da sua companhia.

Victor Macieira era um homem prático, detestava o planeamento e os orçamentos que lhe traziam dores de cabeça quando tinha de negociar com as direcções da ESCS.

A ideia que transmitia era a de ser um homem que sabia o que queria, para a Escola, os outros que se preocupassem como o conseguir. Foi este pragmatismo que o levou a ser convidado para chefiar a comissão de gestão do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa entre 1997 e 1999, num

período onde era necessário por alguma organização naquele Instituto.

Ficou na ESCS até ao fim, e o seu nome vai ficar a ela ligada não só na memória das pessoas que com ele privaram, mas no auditório que adoptou o seu nome, passando a chamar-se Auditório Victor Macieira.

Uma viagem pela amizade

MEU CARO Victor Macieira:

Resolvi escrever estas linhas para te lembrar esta viagem pelo tempo e pela amizade.

Tenho para mim que a amizade nasce normalmente nos bancos de escola, no serviço militar ou na vida profissional.

A nossa amizade nasceu na Faculdade de Ciências no velho edifício da Rua da Escola Politécnica no

início dos anos 60 e continuou ao longo da nossa vida profissional.

Já no tempo da Faculdade era notória a tua queda para as artes gráficas e para a comunicação pelo que é natural o teu envolvimento na secção de folhas da Associação de Estudantes onde nunca dizias que não a qualquer pedido complexo ou urgente, mas deixavas muitas vezes escapar um “eh! pá isso é uma ganda caldeirada”.

Pensei que a melhor forma de te lembrar a tua época académica, seria a de reproduzir nesta carta, os versos que ilustravam a tua caricatura no livro de curso. Não pedi autorização aos poetas de ocasião para reproduzir tais trabalhos, mas as minhas sete décadas de existência desculpem qualquer eventual falta de formalismo.

Quero-te lembrar que o primeiro verso assinado Eu não sou eu, és Tu.

Oh! Faculdade velhinha
A transbordar de ciência
Vai p'ro diabo que te carregue
Esgotaste-me a paciência.
Emprestem-me os apontamentos
Para eu poder estudar
Oh! da guarda quem me acode
Sem apontamentos vou chumbar

Eu

Tu que...
Quatro anos passaste
sem estudar
Todos os exames fizeste
a copiar
Nalguns conseguiste chumbar
Viras apreendeste a dançar
No Orfeão tiveste que cantar
Aos bailes não pudeste faltar.
O curso hás-de acabar
E doutor te hão-de chamar

**M. Isabel
(Mabel)**

Folhas verdes, verdes folhas
entre elas estás metido
Macieira tantas folhas
Quais os frutos que tens colhido

Victor, Victor refilão
Presidente atarefado
Meu alegre cabulão
Quando sairás doutorado
Agora todo pimpão
A doutor te propuseste
Acabou-se o Orfeão
Ajuizado te fizeste

Leonor

Um cábula como tu
Julgo que não existirá
Escusas de vir com cantigas
Que apontamentos não há
Da colega «rabujenta»
mas amiga **Bé**

Não quero grandes defeitos
Aqui passar em revista
Pois podia oh desgraça!
Ir-te estragar a conquista.
Refilão, muito teimoso
Nunca t'apetece estudar
Mas não cansas de dizer
«Amanhã vou começar»
Um conselho de amiga
Deixa de preguiçar
Pois sem Química Orgânica

Não podes o curso acabar
Pr'ós seguintes anos de estudo
Desejo-te felicidades
Na tua vida futura
Mui grandes prosperidades
A colega Rosa

O Victor sem futebol
Ficará para morrer
E só o veremos triste
Quando o Benfica perder.
Estar sentadinho a estudar
Disso não é ele capaz
Porque estudar faz-lhe mal
E sentar-se não é capaz.
Entre nós sempre o Jornal
Foi o pomo da discórdia
Puxa tu, dá cá primeiro
Era a nossa cerimónia.
Mas apesar destas lutas
Que nos punham a ferver
É certo que disto tudo
Muitas saudades vou ter.
E quando os nossos trapinhos
Forem de vez separados
Ainda havemos de chorar
Os belos tempos passados

Maria de Lourdes

Espero que tenhas sorrído com este avivar de memória, em que as poetisas de serviço não se esqueceram da tua actividade no Orfeão da Universidade de Lisboa nem a tua fé no Benfica.

Lembro-me quando te queria picar, te dizia que achava um escândalo o que ganhavam os jogadores de futebol bem como o facto de pagarem o IRS por uma tabela inferior à de qualquer cidadão.

Retorquias sempre com a mesma vivacidade, dizendo que eram profissionais de vida curta.

E, eu rematava dizendo que essas questões devem ser tratadas em sede social e não em sede tributária.

E a conversa ficava por aqui, cada um com a sua, pois sabíamos que este tipo de questões não podia criar entre nós, qualquer mal entendido.

Há dias recordava-me a minha mulher do magnífico dia que passámos na minha casa na Cotovia -Sesimbra na tua companhia, da tua mulher e da tua filha.

Lembro-te do fim-de-semana passado em Tróia quando da formação da UGT em que eu confirmei os meus dotes de cozinheiro confeccionando uns ovos mexidos com chouriço, que serviram para tema de conversa sempre que recordávamos esse encontro entre gente do Ministério da Educação.

Não posso deixar de recordar a tua actividade no Ministério da Educação onde se evidenciaram as tuas qualidades profissionais que tinham por base a tua entrega em tudo aquilo em que acreditavas.

Foi assim na Editorial e nomeadamente na operação pontos de exame que anualmente te punham à prova e que passaste sempre sem problemas exceptuando a contribuição para o aumento da tua calvice.

Dessa época recordo um almoço que tivemos no comando do Batalhão da GNR ali para os lados de Santa Bárbara, cujo 2.º Comandante era um velho amigo da minha juventude, e onde tive oportunidade de ouvir palavras de muito apreço que aquela gente tinha por ti quer no aspecto profissional quer pessoal.

O mesmo comportamento mantiveste quando foste apagar um fogo no ISCAL, ou quando desenvolveste a tua actividade na Escola Superior de Comunicação Social.

Lembranças do “Vitor Teimoso”



EU e o Vitor, cruzámos as nossas vidas num projecto profissional que tivemos a felicidade de poder concretizar - a Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa. Foi uma oportunidade, ganha em todas as frentes e que hoje é uma referência no Ensino Superior.

O Vitor, teimoso! A Teresa Cabeçuda! O que promoveu acaloradas discussões que sempre terminaram em benefício da decisão a tomar.

O Vitor Benfiquista, eu elitista do Belenenses! O que me permitiu assistir de “camarote” a muitos jogos, pois o Vitor não confundia rivalidade com generosidade.

Tivemos ainda a sorte de ser liderados, pelo António Pinto Leite, um menino - senhor, que deixou para a história da instituição um lema tão simples quanto exigente, que é um desafio permanente: “... não ser uma Escola a mais”!

Esta equipa, enriqueceu a sua prestação essencialmente pela diversidade de experiências, pela ambição de dotar a Escola dos melhores meios, humanos e físicos e essencialmente pelo respeito e admiração que tínhamos em relação

a cada um de nós, na certeza que ficámos com laços para a vida...e agora também na morte, o último tabu que persiste em ser abolido.

Tínhamos uma mais-valia, a de estarmos a desenvolver um projecto para uma Instituição de Ensino Superior, que se queria diferente, constituindo-se como uma oferta formativa na área da Comunicação de elevada qualidade científica em total e perfeita articulação com o mercado de trabalho.

Partilhávamos o prazer de sonhar a “obra”, vê-la crescer e ganhar o seu espaço legitimamente conquistado.

Foram cinco anos de efectivo empenho onde fizemos equipa, sem sermos “grupo”, pois as nossas competências não competiam entre nós.

Terminado o projecto, eu e o António procurámos outros desafios. O Vitor, tinha na Escola de Comunicação Social, a sua paixão, uma das meninas dos seus olhos, a quem entregou o seu tempo, a sua energia a sua alma, porque sem afectos não há memórias, nem história para contar.

Teresa Martins

Tive a oportunidade de confirmar aquilo que afirmei no princípio destas linhas, a nossa amizade também se desenvolveu na vida profissional. Tiveste uma vida rica quer profissional quer social,

sobrando-te sempre tempo para a família e para os amigos.

Por isso os amigos não te esquecem.

Um abraço do

Manuel de Sousa Torres

Obrigado Victor

O VICTOR Macieira está ligado à Escola desde o seu início, quando esta ainda era apenas um projecto, na altura ainda com outro nome Escola Superior de Jornalismo. Juntamente com o Dr. Pinto Leite e a Dr.^a Teresa Martins criaram a Escola que temos hoje, conseguindo que esta tivesse condições de trabalho que poucas escolas tinham, tanto em Portugal como noutros países, muitos dos nossos visitantes estrangeiros eram unânimes em considerá-la uma das melhores escolas na Europa.

Após a conclusão do seu trabalho de instalação, foram uma das poucas comissões instaladoras a renunciarem voluntariamente ao seu cargo por considerarem que o seu trabalho tinha terminado, promovendo desse modo a eleição da primeira direcção da Escola.

A forte ligação do Victor pela Escola levou-o a não considerar sequer a hipótese de partir para outro projecto, optando por ficar a gerir o parque tecnológico da Escola. Aliás, apenas durante um curto período de tempo esta não foi a segunda casa, quando o IPL o convidou para presidir à comissão instaladora do ISCAL, mas mesmo este convite só foi aceite com a condição de poder acumular com as suas funções na ESCS.

Terminou a sua missão no ISCAL e voltou à Escola, de onde afinal nunca tinha saído, e aqui concluiu a sua carreira profissional trabalhando para que a Escola mantivesse um elevado padrão de qualidade ao nível dos seus equipa-



mentos. Consolidando novos projectos como o fez activamente à frente do E2 durante dezenas de emissões.

Mesmo depois de se reformar, utilizando o pretexto de acabar de arrumar o seu gabinete, continuou a trabalhar na Escola quase diariamente, aliás tenho a certeza que se não tivesse falecido, ainda hoje viria diariamente para a Escola “acabar de arrumar o gabinete”.

Profissionalmente passei a ter uma relação mais próxima com o Victor há mais de dez anos quando passei a integrar o Conselho Directivo da Escola e, desde essa altura, que foi um prazer trabalhar com ele. Naturalmente que durante todo este tempo não estive-

mos sempre de acordo, que tivemos as nossas discussões, claro que o Victor tinha os seus defeitos: lembro-me das inúmeras conversas a lembrar-lhe que os prazos estavam a terminar ou que já tinham sido ultrapassados, sobretudo no que diz respeito à avaliação do pessoal; lembro-me dos muitos pedidos para que nos apresentasses planificações do ano, mas que acabavam sempre em reuniões de emergência em Dezembro para decidir como aproveitar os saldos; lembro-me da dificuldade de convencê-lo a utilizar o computador em vez de andar sempre a pedir ajuda à Paula Margarida, confesso que desde que a Bola passou a ter uma edição online esta dificuldade foi sendo superada.

Mas apesar das divergências pontuais, ou destas dificuldades a nossa relação profissional sempre foi excelente, raramente tivemos uma discussão mais acesa, embora tenha ajudado muito esta nossa paixão comum: a ESCS (por acaso são duas paixões, mas esta não é a altura para falar do Benfica), mas, mais que a relação profissional, ficou a grande relação de amizade que desenvolvemos. Nesta amizade ajudou muito o nosso interesse comum pela Escola mas essa não foi a única razão, nem sequer a principal, o que mais contribuiu para que o Victor tenha sido um dos grandes amigos que criei nesta casa é o facto de ele ter sido uma pessoa boa.

Durante todo os anos em que trabalhei com ele, sempre vi o Victor como: uma pessoa incapaz de dizer não a qualquer pedido de ajuda; solidário comigo ou com outros colegas quando passámos por momentos mais complicados; uma pessoa leal, fazendo as suas críticas directamente e não utilizando outras vias.

É este conjunto de qualidades humanas e profissionais que nos motivou a perpetuar a sua memória na Escola, atribuindo o seu nome ao auditório, mostrando, deste modo a gratidão pela dedicação que o Victor sempre teve para com esta casa.

Obrigado Victor

António Belo



Um homem que marca a história da ESCS

UM HOMEM com visão, exigente, respeitado e inovador são algumas das características que encontro para descrever Victor Macieira, figura emblemática e incontornável da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS).

Quando entrei na ESCS, em 1999, fiquei admirado e fascinado com o parque tecnológico que a escola possuía: dois estúdios de TV, um estúdio de fotografia, uma sala de videografismo, dezenas de câmaras de filmar a serem utilizadas pelos alunos nos vários espaços do edifício, entre outros.

Apesar de já o ter visto a percorrer os espaços tecnológicos, só mais tarde é que me apercebi que Victor Macieira era o coordenador e gestor dos espaços multimédia da escola, além de ter a percepção que se tratava de uma figura importante e influente naquela instituição.

Eu tive a oportunidade e o prazer de o conhecer pessoalmente quando passei a fazer parte da produção do programa de televisão E2, já que Victor Macieira era membro da Comissão Executiva do programa. Aí, comecei a aperceber-me da real dimensão que ele tinha na ESCS.

Mas o E2 era apenas uma pequena parte da obra que Victor Macieira deixou na escola.

Em primeiro lugar, fez parte da Comissão Instaladora da ESCS, estando ligado à construção do actual edifício da escola, edifício este considerado como uma referência arquitectónica em Portugal.

Recordo-me também que Victor Macieira era um homem que queria estar a par das inovações tecnológicas, fazendo com que a escola estivesse à frente de outras instituições, a nível de espaços e equipamentos tecnológicos. Posso falar, por exemplo, da construção do estúdio virtual, um dos primeiros do país, da compra das câmaras HD, antes de estas estarem consolidadas no mercado e de a escola se tornar Academic Partner da Avid, empresa especialista em sistemas de edição de vídeo e áudio.

Ele apresentava, com todo o orgulho e carinho as instalações e os equipamentos da ESCS, com se fosse a



sua casa, o seu lar. Victor Macieira era também muito cuidadoso na manutenção de todo o parque tecnológico da escola e gostava de ouvir as opiniões dos especialistas, relativamente às aquisições a fazer e efectuava todos os esforços para conseguir adquirir esses equipamentos.

Quanto ao E2, Victor Macieira foi um dos grandes mentores na construção e dinamização do programa, um projecto extra-curricular da escola, que, desde Maio de 2004, continua a ser emitido em canal aberto na RTP2, no espaço Universidades.

Graças a ele, os espaços e equipamentos da escola estavam ao total dispor dos alunos envolvidos no programa, recordando, por exemplo, a cobertura audiovisual dos aniversários do Instituto Politécnico de Lisboa, onde se incluíam os concertos de orquestra da Escola Superior de Música de Lisboa, e em que eram transportadas 9 câmaras, uma régie de vídeo, uma régie de som, etc. Isto porque ele estava consciente da importância da vertente pedagógica de um ensino considerado superior, tornando-se promotor desta mesma vertente pedagógica.

Para Victor Macieira, o programa era muito importante para os alunos, já que estes podiam ter a experiência de trabalhar num programa de televisão. Retirando uma frase que o mesmo refere aos jornalistas do site da ESCS falando sobre o E2, “o mais positivo é que têm surgido surpresas por parte de alguns alunos que estavam relati-

vamente apagados, escondidos, e que acabam por assumir uma imagem preponderante dentro do projecto.”

Mais tarde, Victor Macieira tornou-se Editor Executivo do E2 e passei a trabalhar mais de perto com ele, já que passou a ser a minha chefia directa.

Com ele aprendi muito: como gerir e racionalizar melhor o parque tecnológico e os recursos humanos ao dispor do programa, da importância de bem receber e apresentar aos convidados os espaços da escola, entre muitas outras coisas.

Victor Macieira podia, por vezes, ter um ar duro, mas isso só acontecia porque queria o melhor para a ESCS.

Infelizmente, não pude estar presente na sessão, mas foi com toda a justiça e mérito que teve a devida homenagem por parte do Conselho Directivo da ESCS, da Presidência do Instituto Politécnico de Lisboa e dos próprios alunos da escola que plantaram uma macieira em sua honra. Se pudesse ter estado presente na cerimónia, estaria de pé a aplaudi-lo durante 30 minutos.

E foi com muita satisfação e alegria que li no site da ESCS: “por ser um funcionário comprometido com o seu trabalho e pela marca que deixa na comunidade escsiana, o auditório da ESCS recebe o seu nome com grande satisfação Auditório Vítor Macieira”.

Graças a ele aprendi muito e, por esse facto, dedico-lhe estas minhas últimas palavras: obrigado, Dr. Macieira.

Pedro Azevedo

Domingues de Azevedo, Bastonário dos Técnicos Oficiais de Contas

“O contabilista tem de ser um profissional polivalente”

António Domingues de Azevedo tem pautado a sua vida pela consolidação e desenvolvimento da profissão de contabilista. Foi o responsável pela criação das diversas instituições anteriores à Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, onde hoje é Bastonário. Sem receios, Domingues de Azevedo diz o que pensa da profissão e do que a Ordem tem feito para defender os seus membros.

Entrevista conduzida por Paulo Silveiro • Fotos Vanessa de Sousa Glória

POLITECNIA – Porquê uma Ordem dos Técnicos Oficiais de contas, e quais os seus objectivos?

DOMINGUES DE AZEVEDO – A Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas é uma instituição de regulação profissional, de uma profissão que é do interesse público. No âmbito do nosso ordenamento jurídico, este tipo de instituições têm funções específicas e objectivas e essas funções são determinadas na própria lei da sua criação. O que as diferencia das associações que defendem interesses objectivos e específicos de uma determinada classe profissional.

POL. – Estamos a falar de associativismo público.

D.A. – Exacto. A grande diferença entre o associativismo público e o privado é o carácter imperativo do primeiro. Estas instituições exercem a função da autoridade delegada por serem criadas pela assembleia da república, ou seja, as funções reguladoras de uma sociedade organizada são transmitidas em áreas objectivas e específicas para as instituições de regulamentação profissional.

POL. – Daí por vezes essas instituições se designarem por instituições públicas de direitos privados.

D.A. – Exactamente. É a própria sociedade organizada, através dos organismos competentes, que delega o poder de autoridade para que os



privados no âmbito específico e objectivo sejam regulados por essas instituições. Estas entidades detêm igualmente o poder disciplinar, numa associação privada não existe o poder disciplinar, existe o poder de excluir dessa mesma associação determinada pessoa. Nas ordens o poder de exclusão implica a proibição do exercício de determinada profissão. Daí por vezes, no âmbito do associativismo público haver por vezes a dificuldade em entender que a falta de pagamento de quotas nunca pode conduzir directamente à exclusão das pessoas das associações. Isto porque estamos a falar do direito ao trabalho. Nenhum técnico pode assinar um balanço de uma empresa se não estiver inscrito na ordem e se nós impedirmos as pessoas de exercerem a sua profissão estamos a limitar o direito ao trabalho dessas pessoas.

POL. – Onde se situa então o ponto de equilíbrio entre os deveres e os direitos dos profissionais inscritos nas associações?

D.A. – Estas associações devem ser muito cuidadosas no seu funcionamento, numa sociedade democrática onde existem valores que imperam relativamente a outros. Aqui importa distinguir entre a conferência e o exercício desse poder de autoridade delegada, e a assunção dos membros do conceito de liberdade e de movimentação dentro destas instituições. Por vezes existem membros que criticam o poder disciplinar perante alguns actos menos ortodoxos por eles praticados. As novas profissões devem percorrer um caminho que as leve à interiorização da ética e da deontologia profissional, sendo estas mais complexas de interiorizar do que uma nova norma contabilística.

POL. – E em que ponto se encontra a Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas?

D.A. – A OTOC tem vindo a trilhar o seu caminho. Começou por ser a Associação dos Técnicos Oficiais de Contas, passou para Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas e hoje atingimos o patamar máximo de uma organização profissional a quem o Estado reconheceu um interesse público. Instituições destas

características regulam profissões e devem ser geridas e orientadas por quem conhece a profissão. E falar da nossa profissão é falar de uma nova realidade à escala mundial, onde não existe uma tradição organizacional e tem imperado uma gestão de bolso. Os empresários estão habituados a fazer a gestão à vista e não organizam as suas empresas sobre uma estrutura sólida que resista aos primeiros abalos económicos.



Não faz sentido, para os futuros contabilistas, aprenderem nos bancos das Universidades matérias sobre fusões e cisões quando isso acontece raramente na actividade económica em Portugal

POL. – E qual é a razão para isso acontecer?

D.A. – O problema foi a protecção económica que o nosso tecido empresarial beneficiou durante muito tempo, o que conduziu a um estado de comodismo que impediu os empresários de encontrarem novos caminhos e novas realidades. Só quando foram confrontadas com o mercado livre é que as empresas começaram a despertar para a necessidade de possuírem uma organização diferente.

POL. – Esse problema aplica-se a todas as empresas portuguesas,

mesmo as dos grandes grupos empresariais?

D.A. – Claro que não, no panorama económico português os grandes grupos empresariais são uma minoria, eu estava-me a referir às pequenas e médias empresas que constituem 99% do nosso tecido empresarial. E foram estas PME's que durante muito tempo não se organizaram em termos contabilísticos porque tinham as barreiras alfandegárias para as protegerem da concorrência.

POL. – O que mudou então na gestão das empresas?

D.A. – Hoje essas empresas já falam em contabilidade de gestão, e precisam de o fazer para sobreviverem num mercado muito competitivo onde dois factores fundamentais são o preço de produção e a qualidade.

E é aqui que a contabilidade portuguesa tem um grande espaço para se desenvolver, se estiver sempre ciente das características das empresas portuguesas. Não faz sentido, para os futuros contabilistas, aprenderem nos bancos das Universidades matérias sobre fusões e cisões quando isso acontece raramente na actividade económica em Portugal.

POL. – O que devem então aprender nos estabelecimentos de ensino?

D.A. – Necessitam de aprender a lidar com conceitos sobre análise financeira, gestão e projectos de investimento, e possuir conhecimentos de marketing. A preocupação deve ser formar profissionais preparados para enfrentarem a realidade objectiva que vão encontrar na vida profissional.

POL. – E qual é o papel da OTOC na sensibilização para essa formação?

D.A. – O nosso papel não se deve esgotar nas meras orientações que o nosso estatuto prevê. Temos que ser ousados e possuir uma visão e uma criatividade que expanda a actuação da nossa profissão. Os técnicos oficiais de contas devem ser os “anjos da guarda” das empresas, impedindo-as de cometerem erros que ponham em causa a sua sobrevivência económica.

POL. – Está a falar de evolução profissional?

D.A. – Exacto. E esta questão da evolução da profissão leva-nos a uma outra, que é a da formação pós-gra-

duação. Ao contrário do que a maioria pensa a formação profissional não é exclusiva de actividades mais modestas como as dos pedreiros e dos carpinteiros. A evolução de certas profissões é muito rápida e para se assimilar essa evolução tem que se ter um quadro permanente de acompanhamento da sua interpretação e da sua aplicação.

POL. – E quem deve ser responsável por essa formação?

D.A. – A OTOC tem sido pioneira no lançamento de algumas acções de formação para actualizar os técnicos oficiais de contas. Mas gostaria de salientar a criação, no âmbito do ensino politécnico, da figura do especialista

de as primeiras podem transmitir as experiências das actividades dos seus profissionais o que permitirá às segundas redefinirem as suas formações.

POL. – Mas ao contrário de outras ordens profissionais a OTOC não aprova cursos. Porquê?

D.A. – Nós não cometemos essa imprudência. A OTOC definiu uma matriz de conhecimentos que um profissional desta área deve possuir, a qual foi difundida às instituições de ensino superior, cabendo a elas aplicar essa matriz nos currículos dos seus cursos. Este sistema recebeu uma grande aceitação por parte de todas as Universidades e Institutos Politécnicos, o que me

ficiar umas instituições e prejudicar outras, daí eu ter decidido não dispensar ninguém dos exames de avaliação profissional. Havia quem defendesse que os alunos com uma nota superior a quinze valores deveriam ser dispensados das provas, o que iria prejudicar os ISCA's.

POL. – Porquê?

D.A. – Porque essas instituições têm uma maior preocupação qualitativa, e têm características diferentes dos privados. Nem a Ordem, nem ninguém tem capacidade para avaliar os critérios de mensuração de conhecimento, foi por essa razão que entendi que todos os alunos deveriam abordar a OTOC em pé de igualdade. Agora,

A Administração Fiscal deve deixar de ver os TOC como estando na sua alçada e reconhecer o verdadeiro papel que esses profissionais devem desempenhar na sociedade portuguesa. Os TOC não podem ser os substitutos, do aparelho fiscal, na cobrança de impostos



que vem reforçar a ponte entre o saber fazer e a sua aplicação prática.

POL. – Ou seja conjugar a teoria com a prática, que é uma característica do ensino superior politécnico?

D.A. – Exactamente, e essa simbiose é difícil de realizar no nosso ensino superior, porque ele está voltado para a discussão e aprendizagem de saberes orientados para uma carreira académica que conduz à investigação. Sem desprimor para quem entender seguir a carreira académica, penso que as nossas instituições de ensino superior, devem ter uma preocupação de reorientar as suas formações base, para os alunos adquirirem uma formação que lhes permitisse enfrentar os desafios do mundo do trabalho.

POL. – E a OTOC poderia ter um papel interventivo na esquematização dessa formação?

D.A. – A Ordem é defensora de uma colaboração profícua entre as instituições de regulação profissional e as instituições de ensino superior. Numa lógica de respeito mútuo, on-

parece que não deixa de ser revelador de duas coisas. Primeiro do mérito da matriz e segundo da necessidade, que o meio académico necessitava, de alguma orientação específica e objectiva sobre esta matéria. A OTOC não se intrometeu nas organizações curriculares, apenas definimos as condições em que os profissionais se podem inscrever na Ordem.

POL. – E o resultado foi positivo?

D.A. – Todas as escolas que leccionam cursos na área da contabilidade realizaram alterações curriculares baseadas nas nossas orientações. E penso esse diálogo que a Ordem tem mantido com o meio académico é benéfico para ambas as partes.

POL. – Qual é a sua opinião sobre o projecto de ensino do ISCAL?

D.A. – Os Institutos Superiores de Contabilidade e Administração do país têm uma superior vocação tradicional para o estudo da contabilidade relativamente a outras escolas. Em 2009 realizámos alguns eventos nas comemorações dos 250 anos do ISCAL. Mas a Ordem tem de ser imparcial e não pode bene-

é verdade que a estrutura curricular dos cursos dos ISCA's pós-Bolonha reflecte o que nós exigimos para a inscrição na Ordem, e isso acontece porque essas instituições são as mais próximas de nós.

POL. – Podemos então concluir que o ensino ministrado nos ISCA's é o mais indicado para formar profissionais competentes na área da contabilidade?

D.A. – Essa é a segunda parte da questão. O contabilista para enfrentar a nossa realidade empresarial actual tem que ser um profissional polivalente. Para além dos conhecimentos aprofundados em contabilidade e fiscalidade, que são as matérias com que ele lida no dia-a-dia, tem que possuir outros tipos de saberes. É aqui que entra a formação profissional orientada para o nosso tecido empresarial. O contabilista tem de possuir uma panóplia de conhecimentos que englobem noções de gestão, cálculo financeiro, de investimento e de marketing. Só assim ele poderá constituir uma mais-valia para as empresas onde trabalha.

POL. – E são as Instituições de Ensino que têm que leccionar esses conhecimentos alargados?

D.A. – Cada vez mais. E isso já acontece nos ISCA's, com os projectos de simulação empresarial, que importam para o interior das instituições de ensino as preocupações do mercado de trabalho. Actualmente o nosso Ensino Superior tem duas vertentes, uma técnica e outra científica, o que se torna insuficiente para que os recém-licenciados, possam chegar ao mercado de trabalho com os conhecimentos necessários para desempenharem correctamente as suas funções. A prova disto está nos resultados do exame de avaliação profissional, que a Ordem efectuou recentemente, onde num universo de cerca de oitocentos candidatos, numa pergunta simples sobre a aquisição de um imóvel, quinhentos e noventa e sete não tinham a noção do que é o valor patrimonial de um prédio, nem conheciam a taxa a aplicar do imposto municipal sobre transmissões onerosas de imóveis, a IMT. Este facto é grave porque, quando a Ordem aceita a inscrição de um membro, fá-lo no pressuposto da sua qualificação profissional. E quando nós afirmamos que um membro é um técnico oficial de contas, porque está inscrito na Ordem, estamos a dizer que esse profissional tem conhecimentos e competências para assumir uma responsabilidade por uma contabilidade. Mas se esse membro não sabe calcular o valor patrimonial nem a taxa do IMT, de certeza que irá gerar confusões dentro da empresa onde está a trabalhar.

POL. – E é aí que entra a formação com uma vertente mais profissional?

D.A. – Exactamente, e reforço mais uma vez a importância da criação, no âmbito do Ensino Politécnico, da figura do especialista, que é um bom indicador do caminho a seguir para preparar bons profissionais. Até porque Bolonha não veio ajudar, porque esse processo resultou da importação de uma série de conceitos culturais que, pressupõem uma manifestação de vontade para a qual não estávamos preparados. Ou seja, Bolonha pressupõe que o aluno queira estudar e manifeste uma vontade de querer

saber, procurando pelos seus meios a aquisição das valências desse saber. E isso é difícil quando o aluno é proveniente de um meio, onde está habituado a que lhe coloquem as matérias à sua disposição, sem grande necessidade de as procurar.

POL. – A culpa do insucesso não terá de ser repartida entre o aluno e o professor?

D.A. – Penso que Bolonha ainda não foi assimilada na vertente do aluno e do docente. O professor terá que ter



Gostaria de salientar a criação, no âmbito do ensino politécnico, da figura do especialista que vem reforçar a ponte entre o saber fazer e a sua aplicação prática

um papel de coordenação e de criação de vontade, e essa relação entre o aluno e docente vai levar tempo até que Bolonha, no nosso país, produza os resultados que já atingiu noutros países.

POL. – Com todas essas mudanças ao nível da formação, o técnico oficial de contas (TOC) terá mais responsabilidades na sua actividade, isso não será um risco para a sua carreira?

D.A. – Os técnicos oficiais de contas devem saber aproveitar as oportuni-

des que o alargamento da sua actividade produz. Durante muito tempo, nós apenas trabalhávamos para o fisco, e quando actualmente se pede alguma responsabilidade pela actuação dos profissionais eles demonstram receio. E esse medo é directamente proporcional à sua falta de preparação. Se o profissional for bem preparado e estiver consciente do que está a fazer, não tem receio. Nenhuma profissão pode ser credibilizada se não for responsabilizada mas, esta responsabilização também implica que a administração fiscal, deixe de ver os TOC como estando na sua alçada e reconheça o verdadeiro papel que esses profissionais devem desempenhar na sociedade portuguesa. Os TOC não podem ser os substitutos, do aparelho fiscal, na cobrança de impostos.

POL. – E o que tem feito a Ordem para inverter essa situação?

D.A. – Importante que seja dito que foi a Ordem a principal responsável pela revolução tecnológica ocorrida em Portugal, no que respeita ao relacionamento da administração pública, com os cidadãos e com as empresas. Fomos nós que demos o salto na desmaterialização das declarações fiscais, mudando a visão da profissão contrariando o status quo estabelecido. E isso não foi fácil, porque foi necessário impor à administração fiscal determinados comportamentos que, se hoje estão em vigor, tal facto se deve à desmaterialização das declarações fiscais.

POL. – Foi então o trabalho desenvolvido pela Ordem que levou à simplificação da entrega das obrigações fiscais?

D.A. – Claramente, passámos da entrega de um conjunto de papéis, que demoravam meses a ser conferidos para uma situação onde o processo se realiza por via informática, onde os erros são detectados logo no acto de preenchimento. Essa simplificação significa uma poupança de muitos milhões de euros para o Estado.

POL. – E qual é o papel do TOC neste nosso processo?

D.A. – O técnico oficial de contas tem uma responsabilidade declarativa, não lhe competindo substituir a administração fiscal nas suas competências de cobrança do tributo. A responsabi-



Domingos de Azevedo: "Os candidatos ao ensino superior, as famílias e os empregadores, (...) começaram a sentir necessidade de uma melhor informação sobre a qualidade das formações oferecidas(...)"

lização que se pede ao TOC é o dever de diligência nas funções que a lei lhe atribui e se ele não o fizer deve ser penalizado. Este dever não deve abranger, como tem acontecido com alguns serviços de finanças, pela responsabilização dos técnicos oficiais de contas pelo incumprimento dos sujeitos passivos. Neste caso a Ordem tomou uma posição firme, porque essa situação é ilegal ameaçando colocar esses serviços em tribunal. Quando confrontados com a nossa posição, esses serviços responderam que apenas queriam sensibilizar os profissionais.

POL. – Foi uma vitória da Ordem?

D.A. – A Ordem dos Revisores Oficiais de Contas existe para defender os seus membros, seguindo um rumo definido por lei, sendo uma guardiã dos valores éticos e deontológicos da profissão. O técnico oficial de contas, para ser um bom profissional tem de estudar duas a três horas por dia, e só consegue isso se possuir avenças devidamente remuneradas. O salário é equivalente à qualidade do trabalho executado e a Ordem tenta evitar que situações de avenças subvalorizadas não aconteçam, mas temos a consciência que o mercado de trabalho está difícil.

POL. – Com o alargamento das suas funções os TOC não correm o risco de chocarem com profissionais de outra área?

D.A. – Uma das grandes conquistas que o estatuto da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas veio trazer foi o de permitir que os TOC tenham capacidade representativa dos seus clientes, juntos dos serviços da administração local. Isto é: os profissionais têm possibilidade de defenderem a interpretação que fazem das leis, que aplicam na sua actividade, sem recorrerem a um advogado.

POL. – Foi difícil conseguir isso?

D.A. – Essa foi uma guerra que tive com o José Miguel Júdice, o ex-Bastonário da Ordem dos Advogados, onde lhe dizia que nós aceitamos que, sempre que estejam em discussão conceitos de natureza jurídica, ou interpretação conflituosa da lei, como nos casos em que haja um tribunal a decidir sobre duas interpretações distintas, haja a intervenção de um advogado. Mas, nas outras situações o TOC tem a capacidade de interpretar e aplicar o que vem definido no código do IVA, e na restante legislação, sem que tenha de entrevir um advogado como porta-voz das acções do pro-

fissional de contabilidade. O estatuto veio clarificar estas situações e separar as águas, e o papel da ordem é este, o de criar mais meios e situações em que os TOC exerçam de uma forma mais digna a sua profissão.

POL. – Foi positiva a implementação do novo Sistema de Normalização Contabilística?

D.A. – Totalmente, porque veio entregar a contabilidade aos contabilistas. O contabilista até agora era obrigado a seguir o caminho indicado pelo sistema de regulamentação. Hoje pelo sistema das normas internacionais de contabilidade, o profissional tem vários caminhos disponíveis e ele tem de saber qual é o mais indicado para a sua situação. Passou a ter que tomar opções e isso responsabiliza-o mais, mas como já referi sem responsabilização não há credibilização.

POL. – Foi deputado à Assembleia da República de 1983 a 1995 e membro da Comissão de Economia e Finanças. Continua com aspirações políticas?

D.A. – Não pretendo voltar à política, apesar dos convites para me candidatar a câmaras municipais. Já dei o meu contributo para desenvolver e consolidar a profissão de contabilista.

Da engenharia à música



Jorge Moyano

O pianista que adora futebol

Considerado um dos melhores pianistas portugueses, Jorge Moyano não abdica por nada jogar futebol aos sábados de manhã. Professor, intérprete, pianista, gestor, pai e avô, este homem multifacetado é fascinado pela observação de aves e por viagens a países exóticos. Licenciou-se em engenharia civil, mas não demorou a perceber que a música era a sua verdadeira paixão.

Textos de Vanessa de Sousa Glória

NO PALCO e na vida o pianista Jorge Moyano é um ser humano excepcional, dizem os que com ele convivem. Dotado de invulgares qualidades técnicas e humanas, é difícil não se gostar deste homem.

Intérprete e concertista é, desde há muito, uma referência em Portugal e além fronteiras. Professor da Escola Superior de Música de Lisboa, há mais de três décadas, dedica-se de alma e coração aos alunos e elege o ensino como actividade principal.

Fora do palco e da sala de aulas, Jorge Moyano completa-se no campo de futebol. Vestido a rigor, todos os sábados religiosamente, troca o piano pela bola. Consciente dos riscos físicos que a modalidade tem para a profissão, diz, sem medos, que se tivesse de escolher entre estes dois amores o futebol seria o vencedor. Benfiquista ferrenho, tem por hábito ir ao estádio mas não costuma chamar nomes ao árbitro.

Adepto de hábitos saudáveis. Não fuma, nem bebe. Em criança esgotou todo o tipo de doenças que podia ter. Prefere utilizar os transportes públicos do que usar o carro. Mas o que verdadeiramente gosta é de andar a pé. Quando a ESML estava na Rua do Ataíde, fazia o trajecto de Campolide, onde vive, até à escola. Pelo caminho parava no jardim do Príncipe Real onde em pequeno costumava andar de bicicleta.

A plateia aplaudiu de pé ao concerto memorável que deu na cerimó-



Foto de Sofia Rque



Com os pais aos três meses de idade

nia de inauguração do novo edifício da Escola Superior de Música de Lisboa, em Benfica, com a presença do ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago.

Com apenas quatro anos de idade Moyano começou a estudar Música. O primeiro piano, comprado pelos pais, custou seis contos, e quando tocava não chegava com os pés ao chão. Na família não havia ninguém ligado ao meio musical. O pai, Jorge Pinto Marques, trabalhava na antiga Companhia das Águas de Lisboa, a mãe, Maria de los Angeles Moyano Marques, de nacionalidade espanhola, era doméstica.

Nasceu no dia 4 de Setembro de 1951, na Rua da Palmeira, em Lisboa. Os pais, ainda hoje vivos, conheceram-se por fotografia e casaram-se em Espanha. Filho único, recorda-se a determinada altura, de ter pedido um irmão. Depois habituou-se à ideia.

Tímido e introvertido por natureza, o pianista detestava, em pequeno, quando os pais lhe pediam para tocar piano em casa de amigos. Ainda hoje, aos 59 anos, custa-lhe muito entrar num café para pedir um copo de água ou telefonar para alguém que não conheça. Nestas situações recorre à mulher, Julieta, “uma espécie em vias de extinção”, completamente diferente de si, com quem partilha a vida há mais de três décadas. Conheceram-se no Instituto Superior

Técnico, foram colegas no curso de engenharia civil.

O pianista habituou-se desde muito cedo às apresentações em público. Com apenas sete anos foi de barco à Madeira tocar com a orquestra de sopros da Fundação Musical dos Amigos das Crianças. Recorda-se do nervosismo que sentiu mas nada exagerado. Confessa que hoje é pior, cada vez que sobe ao palco as mãos gelam. Por isso, antes de cada actuação, no camarim, passa as mãos por água quente, mesmo que seja em pleno Verão. O espectáculo de inauguração do edifício da Escola Superior de Música

de Lisboa não foi excepção. O inédito é que o fez à frente do público.

Em criança, refugiava-se no quarto a brincar, entregue a si mesmo. Muitas vezes os pais encontravam-no a chorar sem razão aparente. Hoje, continua a apreciar os momentos de solidão. Em casa passa horas sozinho a tocar piano.

Nos espectáculos a solo dispensa as partituras. Tem consciência que, com o avançar da idade, custa-lhe muito mais memorizar e o desgaste, após cada concerto, é “brutal”. Acredita que o sucesso de um concerto depende em muito da performance do piano. Prefere um piano com sonoridades mais aveludadas.

Considera-se um homem de sorte, há alturas em que anda profundamente deprimido. O “país cinzento” em que vivemos e as adversidades da vida entristecem-no.

Vencedor de distintos prémios nacionais, tem actuado, em recitais, por todo o país, e conta com várias apresentações no estrangeiro.

Dá aulas na Escola Superior de Música de Lisboa há mais de 35 anos. Em jeito de brincadeira até já lhe chamam de professor decano. Procura manter com os alunos uma relação pessoal, não se limita a transmitir-lhes a técnica pianista. Extremamente exigente consigo e com os outros, irrita-se quando os alunos não falam correctamente o português.



Jorge Moyano com colegas da Escola Superior de Música de Lisboa em 1987

Um menino cheio de talento

JÁ LÁ VÃO uns bons anos quando Elisa Lamas, pianista e professora, viu, pela primeira vez, Jorge Moyano. Foi no Conservatório Nacional, na altura ele tinha onze anos e preparava-se para o primeiro exame de formação musical, a pianista fazia parte do júri. Não foi difícil para ela perceber que estava perante uma criança dotada de capacidades musicais, “um menino cheio de talento que prometia ser um pianista de sucesso”, diz, com um sorriso nos lábios. O nome Jorge Moyano já era falado no meio musical e por diversas ocasiões, ainda criança, acompanhou as audições dos alunos da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, recorda Elisa Lamas.

“Cada vez que o oiço a tocar, mais gosto do ouvir. Ele consegue chegar às pessoas”, diz Elisa Lamas que sempre que pode não perde por nada os concertos do pianista e amigo de longa data. “Com a craveira dele há poucos músicos em Portugal”, diz com convicção. “Dotado de qualidades humanas e artísticas raras, ele é uma pessoa muito especial e um excelente colega”, diz Elisa Lamas que chegou a trabalhar por diversas ocasiões com o pianista. Foram professores no Conservatório Nacional e mais tarde fizeram parte da primeira comissão instaladora da Escola Superior de Música de Lisboa constituída também pelo professor Meneres Barbosa.



Com cinco anos de idade a tocar no primeiro piano comprado pelos pais

Apesar de não gostar desempenhou, por diversas ocasiões, importantes cargos burocráticos na ESML. Foi incapaz de recusar o convite para fazer parte da primeira comissão instaladora da escola, cargo que exerceu de 1983 a 1988, e foi presidente do conselho científico, durante vários mandatos. Abandonou a função porque não concorda com o Processo de Bolonha.

Foi aluno de Cristina Lino Pimentel, no Conservatório Nacional de

Lisboa, uma amiga e grande referência na sua vida. Há dois anos sofreu muito com a morte da filha do arquitecto Raul Lino. Recorda com saudade as longas tardes de conversa e as sessões musicais e de poesia que faziam em casa da professora. Não acredita na vida para além da morte e a ideia do infinito sempre lhe fez muita confusão. Herdou de Cristina Pimentel o fascínio por Robert Schumann. Apaixonado pela obra e vida deste músico do século XIX, o

pianista revê-se em muitos aspectos na história deste personagem e chegou a editar um CD do compositor alemão.

No dia em que prestou as últimas provas no Conservatório Nacional de Lisboa Jorge Moyano foi convidado por João de Freitas Branco, musicólogo e matemático, para frequentar um curso de música no Canadá. “O local, situado no meio floresta, era paradisíaco e a experiência foi única”, diz o pianista. Em

Sem jeito para o desenho



Com oito anos num concerto da orquestra da Fundação Musical dos Amigos das crianças

JORGE Moyano iniciou, aos quatro anos de idade, os estudos de piano na Fundação Musical dos Amigos das Crianças por mera casualidade. Para que pudesse conviver com outras crianças os pais inscreveram-no num jardim-escola, perto de casa. Mas já não havia va-

gas. No dia em que receberam a notícia cruzaram-se, na rua, com alunos da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, onde acabou por ir estudar. O primeiro dia por lá foi o mais feliz da sua vida. Fascinou-se de imediato pelo piano, reconhece que muito por influência da professora Noémia de

Brederode. Aprendeu com ela a colocar as mãos no piano imaginando que estava a agarrar numa laranja.

Apesar da disciplina existente na Fundação, o ensino era feito de forma lúdica, quase sem dar por isso. Hoje acredita que foi o grande segredo para a aprendizagem da música. Na disciplina de Didáctica aprendeu Solfejo com tábuas de madeira inscritas com notas musicais.

No ensino primário saltitou por várias escolas. Frequentou a primeira classe na Fundação Musical dos Amigos das Crianças. Durante dois anos estudou numa escola em frente à igreja de São Mamede e concluiu a quarta classe na Calçada do Combro.

Completo o ensino secundário no Liceu Pedro Nunes. Aqui teve a sorte, como o próprio diz, de conviver com professores que o marcaram para toda a vida. Foi aluno do poeta Rómulo de Carvalho/António Gedeão, na disciplina de Físico-Química.

Bom aluno, tinha preferência pela disciplina da matemática. Já para o desenho confessa que nunca teve muito jeito. Lembra-se das pinturas fracassadas que fazia com a tinta-da-china.

cada casa havia um piano onde os alunos podiam estudar. Jorge Moyano teve oportunidade de conhecer novos repertórios e de contactar com jovens que tocavam muito bem.

O que inicialmente era para ter sido um curso de três semanas, acabou por se transformar numa estadia de seis meses muito devido ao interes-

se e dedicação demonstrados pelo pianista.

A determinada altura ficou indeciso sobre o que iria fazer na vida. Tinha dezasseis anos quando terminou o ensino secundário no Conservatório Nacional. Faltavam dois anos para cumprir o serviço militar e ir para África estava fora de questão. As perspectivas de carreira para os músicos não eram as melhores. Estudar engenharia civil pareceu-lhe, na altura, a solução mais acertada, até porque sempre gostou de matemática.

Concluiu o curso no Instituto Superior Técnico, e chegou a dar aulas de engenharia. Um ano mais tarde, insatisfeito, abandonou definitivamente os números para se dedicar à música. Na altura, já casado, diz que passou tempos difíceis mas hoje,

A música ensinada às crianças

A FUNDAÇÃO Musical dos Amigos das Crianças, em Lisboa era, em 1955, quando Jorge Moyano iniciou os estudos musicais, das poucas escolas em Portugal vocacionada para o ensino da música aos mais pequenos, explica o pianista.

Os estudos eram pagos em função das possibilidades financeiras das famílias. Para Moyano os directores

da Fundação eram pessoas “muito especiais”. Foram vários os músicos de renome nacional e internacional que passaram por esta instituição de referência. A Ana Bela Chaves (violista), António Ângelo (professor da ESML), entre muitos, foram alguns deles. Durante muitos anos saíam da Fundação os instrumentistas de cordas para as orquestras.



Em 1992 na casa da professora Maria Cristina Pimentel, filha do arquitecto Rui Lino



Em 1984 num ensaio com a pianista Maria João Pires

olhando para trás, não se arrepende da decisão. Foi professor de piano no Conservatório Nacional e, em 1986, conclui o curso superior de piano na classe da professora Cristina Pimentel, tendo ainda frequentado a classe de composição do professor Jorge Croner de Vasconcelos.

Na infância costumava passar as férias de Verão em Espanha. Recordar-se dos tortilhas e dos jogos de futebol com os primos. Hoje prefere destinos mais exóticos.

Queixa-se da falta de tempo para a leitura. Irrita-se quando limpa o pó e dá conta da quantidade de livros na prateleira que ainda tem para ler.

As séries policiais e os documentários da National Geographic são os programas preferidos do pianista. Adora uma boa comédia e delicia-se com piadas inteligentes. Por vezes diz as coisas com um ar sério e só depois é que as pessoas percebem que estava na brincadeira. Transmitiu esta característica ao filho, Frederico Moyano, que admite que o pai tem muito sentido de humor e se perde a rir com os episódios d' Os Gato Fedorento.

Houve tempos que chegou a pensar reformar-se, depois, com as alterações da Lei da idade da reforma, já nem pensa nisso. No ano em que completa seis décadas de vida, Jorge

Pai e filho tocam juntos

AMIGO da família, verdadeiro e honesto, são as palavras usadas por Frederico Moyano para descrever o pai, Jorge Moyano, com quem mantém uma relação muito próxima. Em pequeno conseguiu tirar o pai do sério quando desenhou um alvo num armário na casa de uns amigos. A proeza valeu-lhe um dia fechado no quarto.

Por influência do pai, Frederico Moyano estudou piano no Conservatório Nacional mas acabou por seguir a carreira de advocacia. Em determinada altura haviam dois pianos em casa onde pai e filho ensaiavam.

Extremamente exigente consigo e com os outros, Jorge Moyano não ficava nada satisfeito quando as coisas não corriam bem, o que deixava o filho bastante nervoso.

Com 35 anos, Frederico Moyano exerce funções na APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.



Jorge Moyano com o filho, Frederico Moyano, no primeiro dia de aulas

A volta ao mundo



O pianista a fazer snorkeling nas ilhas Maldivas em 2002



Numas férias de Verão com o filho, a nora e a mu

JORGE Moyano não dedica exclusivamente a vida ao piano. Uma das actividades predilectas é viajar nas férias. Uma pausa sagrada para descobrir novas realidades que não abdica por nada deste mundo. Tem por hábito escrever um diário de viagem que enriquece com talões de restaurante, bilhetes de transportes, e outras recordações dos sítios por onde passa.

Nos primeiros anos de casado, por razões económicas, as férias eram passadas em Portugal. Ao volante do seu Datsun 1200 percorreu o país de lés-a-lés. Recorda, com saudade, do momento das refeições confeccionadas num fogareiro a gás que transportava no porta-bagagem do carro. A vida melhorou financeiramente e o pianista lançou-se para voos mais altos além fronteiras.

Começou por viajar pela Europa. Das várias capitais europeias a “cidade luz”, Paris, é a sua predilecta. Mas na lista das preferidas constam também: Praga, capital da República Checa, Barcelona, Amesterdão e Noruega. Para Frederico Moyano, filho do pianista, os dias em férias sempre foram intensos e preenchidos. Lembra-se que o pai fazia questão de visitar todos os museus e monumentos por onde passava.

Hoje, Frederico Moyano, com 33 anos e já casado, continua a fazer férias com os pais e com a mulher, que o contagiaram com o gosto pelas viagens. Nos últimos anos, o fascínio pela natureza e pelos animais levou Moyano a optar por destinos mais exóticos. Um safari no Quênia desper-

tou nele uma enorme vontade em descobrir África. Desde então viajou pela Tanzânia, Botswana; percorreu de carro, durante três semanas, África do Sul e comoveu-se, em Uganda, a observar uma família de gorilas nas montanhas. No Oriente, a ilha de Borneu ficou para sempre na sua memória. As

A paixão pelas aves



Foto de József L. Szentpéteri

“CONHECE o abelharuco?” pergunta Jorge Moyano que explica “É uma ave lindíssima, muito colorida, que chega a Portugal no início de Abril. Pode ser observada em determinadas regiões no Alentejo, em Castro Verde por exemplo”, explica o pianista Jorge Moyano que partilha com a mulher a paixão pela observação de aves. Na época de Carnaval o casal tem por hábito ir até à ria Formosa para admirarem as várias espécies de patos que vivem por lá. O guia de campo e binóculos são instrumentos indispensáveis que leva consigo para a actividade.

de Jorge Moyano



Iher num lago no Uganda



O pianista com a mulher num safari no Zimbabwe

recordações das paisagens e os animais do local despertam nele vontade para lá regressar, diz o músico. Nas paradisíacas ilhas Maldivas, no oceano Índico, a mulher e o filho renderam-se à prática de mergulho

desafiando-o para a modalidade. O medo que tem pela água não o deixou aventurar-se ficou pelo snorkeling, um mergulho livre à superfície, deixando a família satisfeita. No Brasil visitou a Amazónia, as Cataratas

do Iguazu e a cidade Rio de Janeiro. E porque as viagens são sempre planeadas com alguma antecedência espera, em breve, partir à descoberta das montanhas rochosas no Canadá.

O craque que sonha jogar com o neto

AOS SÁBADOS, religiosamente às dez da manhã, no Tojalinho (em Loures), Jorge Moyano calça as chuteiras para mais um jogo de futebol com o filho e amigos. O pianista pede sempre que não lhe marquem concertos para este dia. Para além dos benefícios para a saúde, jogar futebol é para ele um momento relaxante em que não pensa em mais nada.

Em campo detesta ser derrotado: “Matto-me para não perder”, diz com convicção. Prova disso são os sustos que já apanhou a jogar. Em vésperas de uma actuação em Macau fez uma tendinite provocada por uma rasteira “maldosa” do guarda-redes da equipa adversária, diz sorrindo. Com tratamentos intensivos e um piano vertical no quarto do hotel em Macau conseguiu actuar com sucesso. Apesar dos riscos

Jorge Moyano não se arrepende e se, um dia, alguém se lembrar de dizer que tem de parar de jogar futebol por causa do piano, não tem dúvidas que deixa de tocar.

Confessa-se um benfiquista ferrenho mas diz, em tom de brincadeira, que não é daqueles que bate na mulher quando o clube do coração perde. Costuma ir ao estádio, entusiasma-se com o jogo mas, não tem por hábito chamar nomes ao árbitro. No entanto no momento do golo não se contém, levanta-se e aplaude.

Na Escola Superior de Música de Lisboa, onde lecciona, tentou por diversas constituir, sem sucesso, uma equipa para jogar futebol.

Aos 59 anos o coração não apresenta sinais de cansaço mas sabe que um dia vai ter de abandonar o desporto. Só espera que até lá ainda consiga jogar com o neto.



Jorge Moyano com o neto

Da “Alice” do Festival de Can

Um camaleão cha

Representar papéis tão díspares como o “Chato” dos “Contemporâneos”, a editora de uma revista cor-de-rosa ou o desesperado pai de “Alice” na procura incessantemente da filha, é a principal característica de Nuno Lopes. António Feio, seu mestre e amigo, recentemente desaparecido, chamou-lhe “o camaleão”. A característica, que o tempo acentua, está associada ao prazer de representar, ao desafio de encarnar personagens, à preocupação de ser verosímil. Motivos q.b. para dizer que este ex-aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema é um caso de sucesso muito sério.

Textos de Paulo Silveiro

Fotos gentilmente cedidas pela revista Caras

“VAI mais é trabalhar” é a expressão que no fundo identifica a postura como Nuno Lopes se situa no panorama artístico. A frase do personagem o “chato” da série “Os Contemporâneos” reflecte o que, o ex-aluno da Escola Superior de Teatro e Cinema, tem feito ao longo da sua, ainda curta, carreira. Trabalhar e evoluir, em busca de novas experiências, mas sempre com a certeza dos ideais que quer transmitir.

A carreira de Nuno Lopes iniciou-se no Teatro da Cornucópia, a excelente companhia de teatro de pesquisa e vanguarda de Luís Miguel Cintra, que já produziu grandes actores. Seguiu-se a televisão, onde participou num casting para o programa da Maria Ruff e foi escolhido para integrar o elenco. Essa participação levou-o a ser convidado, pouco depois, para o Herman SIC. A oportunidade de trabalhar no Brasil também surgiu através de um casting. “Foi – diz ele – muito interessante a experiência de passar da comédia para as novelas brasileiras”. A Rede Globo de Televisão foi uma escola de talentos, onde a principal preocupação era a qualidade, ao contrário de Portugal onde a frase mais ouvida é “não me choca”. Nuno Lopes irrita-se com o facilitismo tão típico dos portugueses e é ele que se “choca” quando a qualidade não é a principal preocupação dos produtores.

Nos seus trabalhos no cinema destaca-se o filme “Alice” do colega da Escola Superior de Teatro e Cinema, Marco Martins. Nesta película, Nuno Lopes encarna o papel de um pai cuja filha desapareceu. O desafio do actor foi que o público não encarasse o filme como um melodrama, cheio de depressões e ambientes pesados. Ali interessa-



nes aos Contemporâneos da RTP

mado Nuno Lopes



va realçar a esperança do pai em encontrar a filha. Nuno Lopes acabou por adoptar o aspecto físico da personagem, magro e com poucas horas de sono, para se concentrar no aspecto psicológico da personagem, centrada na obsessão em encontrar a filha. Na preparação do papel chegou a falar com Filomena, a mãe do João Pedro, o rapaz que desapareceu em Março de 1998 em Lousada. Essa experiência permitiu-lhe ganhar uma experiência emocional que transpôs para o filme.

O perfeccionismo e o profissionalismo que Nuno Lopes aplica na representação, espelha-se no facto de, em Fevereiro de 2010, ter fracturado um pé no palco na peça “A Cidade”, no Teatro São Luís, e ter continuado a actuar. Para o actor é normal ter continuado, mesmo com dores, a sua preocupação era não prejudicar o espectáculo, o próprio público não se percebeu da gravidade do acidente. Os actores devem estar preparados para ultrapassar as dificuldades em cena, sejam físicas ou psicológicas.

Mas Nuno Lopes também gosta de desenvolver as suas personagens, como aconteceu com o “chato” dos contemporâneos. A inspiração veio de uma pessoa real que se expressa daquela maneira, mas o actor resolveu acrescentar-lhe o aspecto de tonto, por entender que o personagem ficava mais completo.

A comparação entre os dois programas de humor mais mediáticos da televisão portuguesa era inevitável, e Nuno Lopes não

João Mota e a Escola



Foto de Clara Santos Silva

DA PASSAGEM de Nuno Lopes pela Escola Superior de Teatro e Cinema, o actor relembra o nome de João Mota, a referência de todos os alunos da escola,

e do professor da disciplina de corpo, Luca Apea, de quem hoje ainda se lembra quando entra em palco, pelos bons conselhos que lhe transmitiu. Acabou por estar

fugiu à questão. Para o actor comparar “Os Contemporâneos” com “O Gato Fedorento” é o mesmo que comparar os Rolling Stones com os Beatles – o humor é diferente e am-

bos podem existir. Nuno Lopes recusa aquela ideia, tão típica dos portugueses, de só poder existir um rei do humor em Portugal. No fundo todos partilham a mesma agência, as “Produções Fictícias”, e chegaram a trabalhar juntos quando o Nuno participou no programa da Maria Ruef, e os textos eram escritos pelos elementos d’ O “Gato Fedorento”. Não existe rivalidade e todos têm o seu espaço na área do humor.

Ser actor é, para Nuno Lopes, uma das profissões mais generosas do mundo. Representar é partilhar, no sentido de se conseguir transmitir as emoções, que os autores expressaram nos textos, ao público. Mas é preciso que o actor tenha a noção que quando está em palco está a tomar uma posição pública. Nuno Lopes só representa quando se identifica com a mensagem que o papel transmite ao público. Seria incapaz de interpretar a figura de Hitler, numa peça ou filme que defendesse o nazismo, mas gostaria de o representar noutro contexto. Quando Nuno Lopes abraça um projecto, gosta de o entender e discutir, com os encenadores e realizadores, a mensagem que eles pretendem transmitir, pois só assim poderá desempenhar integralmente o seu papel.



Com a actriz brasileira Maria Fernanda Cândido na telenovela “Esperança”

Superior de Teatro e Cinema

cinco anos na escola, entre 1997 e 2002 no curso de teatro, como naquela época ainda não havia o estatuto de trabalhador estudante, e já trabalhava na Cornucópia, a escola acabou por ficar para trás. Apesar dessa passagem incompleta, acha fundamental o que aprendeu na escola, tendo retirado a noção que é importante para os alunos terem a humildade de tentarem fazer as coisas à maneira dos professores, mesmo que seja para concluir que podem e querem fazer de outra maneira.

Quando questionado se gostaria de leccionar na ESTC, Nuno Lopes é humilde e entende que ainda não tem nada para ensinar. Para o actor a arte não se ensina, fornecem-se os conhecimentos e as técnicas, para as pessoas descobrirem os seus talentos, e isso ou é inerente ao indivíduo ou não existe, e não será a escola a transmitir-lhe.

Mas a formação de Nuno Lopes não se esgotou na ESTC, para o actor a formação é fundamental, independentemente de ser nacional ou internacional. A recolha de várias experiências educativas, permite que o actor possa escolher qual o seu rumo.

Nuno Lopes, quando decidiu ir estudar para fora em 2003/04, foi à procura de um sítio onde pudesse ter aulas de “acting” para cinema. Nova Iorque foi o local escolhido, aí na UCLA Film School, estudou com Robert Castle e Susan Batson. Também passou pela École des Maîtres, um projecto inovador repartido pela Itália, Bélgica, França, Espanha e Portugal, criado em 1990, que pretendia pôr em contacto jovens actores, provenientes de diversos países europeus, com os mais importantes encenadores internacionais. Aí trabalhou com o encenador argentino, Rodrigo Garcia, que utilizava métodos inovadores. Estas experiências permitiram-lhe trabalhar com pessoas de diversas culturas e estilos, com diferentes abordagens à arte, que contribuíram para o seu enriquecimento cultural.

Para um actor é importante ter várias formações, teatro, dança, cinema e mesmo coisas vulgares como cozinhar, conduzir um carro, ou andar a cavalo. Tudo o que puder contribuir para o melhor desempenho dos papéis é bom para o actor.

Também o meio onde actua constitui, para Nuno Lopes, um desafio permanente. Gosta de teatro, como gosta do cine-

ma ou da televisão, apesar de reconhecer que gostaria de fazer mais películas. Os convites têm surgido, mas os projectos

não têm sido do seu agrado. Gostaria que o cinema de autor fosse mais apoiado, como acontece com o comercial. Como referências do cinema português indica o Marco Martins, o João Canijo e algumas películas do Manuel de Oliveira. Quando confrontado com a questão se existe público, em Portugal, para o cinema de autor, Nuno Lopes entende que é tudo uma questão de educação. O que acontece no cinema aplica-se ao teatro, os públicos educam-se, pouco a pouco, começando pelos espectáculos simples e acessíveis que fomentem o interesse pelo visionamento de outros mais complexos. E o público também se educa, levando os espectáculos até ele, com preços baixos e multiplicando as salas de espectáculo pelo país. Estas medidas criam hábitos de consumo de teatro e cinema.

Mas o gosto pela cultura incute-se desde pequenino. Nuno Lopes considera que o governo devia criar um programa que levasse a cultura às escolas, com um conteúdo adequado à idade das crianças, e que fomentasse o gosto por todas as manifestações artísticas. Esta medida iria aumentar a formação cultural do país e promover a criação de públicos que enchessem as salas de espectáculos, o que por sua vez, iria fomentar o aparecimento de mais companhias de teatro e de mais criações cinematográficas. Ficaria assim fechado um ciclo de grande produ-

Pupilo de António Feio

O GOSTO de Nuno Lopes pelo espectáculo iniciou-se aos treze anos, quando tocava guitarra e era o vocalista numa banda. Cedo se apercebeu da sua boa relação com o público, e do à-vontade que tinha no palco. Foi também nessa altura que, durante um saraú de Ballet da sua irmã, acabou por ver os alunos de teatro do António Feio, no centro cultural em Benfica. A partir daí o seu destino ficou marcado, começou a ter aulas com o António Feio, que foi o grande responsável pela descoberta do gosto de Nuno Lopes pela representação. A grande admiração que sente pelo seu “mestre” foi demonstrada quando venceu, em 2009, o globo de Melhor Actor, na categoria de cinema, e fez questão de o oferecer a António Feio. Esta foi uma homenagem pública ao seu mentor, que considera ser uma referência para ele e para todos os actores da sua geração.





Na cerimónia de entrega dos Globos de Ouro 2009

tividade artística, onde haveria uma grande comunhão entre os criadores e os públicos. Outro aspecto é o dos subsídios, Nuno Lopes considera essencial que o Estado apoie mais os artistas, e reveja a forma como esses subsídios são distribuídos. O actor dá como exemplo o Museu do Teatro, num país onde escasseiam as infra-estruturas artísticas, não se justifica que se esteja a subsidiar um espaço que, na opinião de Nuno Lopes,

não representa o teatro. A arte teatral é efémera, não se pode resumir a umas fotos e a umas peças dentro de umas vitrinas, para isso existem os arquivos documentais e o Museu do Traje. Um espaço dedicado ao teatro deveria ter uma componente dinâmica, onde as novas companhias pudessem apresentar o seu trabalho e realizar experiências artísticas.

Quando ao futuro, Nuno Lopes não se entusiasma com os prémios

recebidos, ele é o seu maior crítico, e está muito longe do actor que gostaria de ser. O seu modelo de actor situa-se no cinema americano dos anos setenta, onde sobressaíram nomes como o de Al Pacino ou o Robert de Niro entre outros. Considera que esta geração de actores teve o privilégio de actuar numa época em que os filmes eram feitos para os actores, e os papéis eram centrados na condição humana.



Com os actores da série televisiva "Os Contemporâneos"

O actor e o DJ

A CAPACIDADE de comunicação do actor Nuno Lopes não se esgota nos palcos ou nos ecrãs. Recentemente descobriu o gosto pela música, mais propriamente como Dj de música de dança. O hobby começou quando punha música nas festas dos amigos, mais tarde passou para as festas e os bares e hoje é uma segunda profissão, tendo já actuado em festivais de Verão como o Paredes de Coura 2009 e o Optimus Alive 2009.

Projecto Musical Youthbridges

Orquestra de Sopros da ESML em digressão pela Alemanha

A Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa (ESML) cumpriu no ano passado a sua primeira internacionalização, realizando uma digressão pela Alemanha. A deslocação insere-se no projecto Musical Youthbridges, que estabeleceu o intercâmbio entre a Orquestra da ESML e a sua congénere da Escola de Música de Estugarda.

Texto do maestro Alberto Roque



Master Class de direcção de Orquestra de Sopros na Escola de Música de Estugarda

A EXPERIÊNCIA do intercâmbio revelou-se muito importante para os estudantes da Escola Superior de Música de Lisboa, uma vez que puderam tomar contacto com outras vivências musicais e ouvir algum repertório diferente daquele que têm vindo a trabalhar na escola onde estudam. A Escola de Música de Estugarda realizou – recorde-se – em Maio de 2009 uma digressão na área de Lisboa, sob

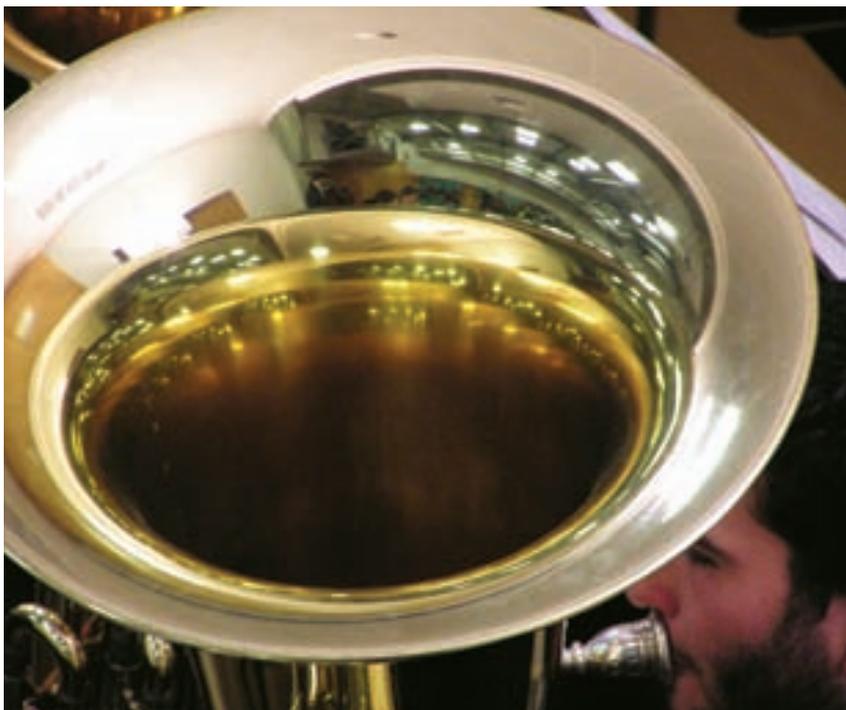
a direcção do maestro Leon Bly, com organização da ESML.

Foi muito gratificante para os estudantes portugueses ouvir agora do maestro Leon Bly vários elogios ao nível artístico e técnico da orquestra de Sopros da ESML, isso revelou-se uma forte motivação para o trabalho a desenvolver de futuro.

Retribuindo a recepção dos estudantes alemães em Lisboa, foi organi-

zada pelo actual maestro da orquestra de Estugarda, Alexander Beer, uma digressão na Alemanha entre os dias 25 e 30 de Março, durante os quais foram apresentados dois concertos em Estugarda e um em Mannheim.

A Orquestra de Sopros participou ainda numa Master Class de Direcção de Orquestra de Sopros sob a orientação do professor Alberto Roque, o qual foi convidado pela Esco-



estojos e começaram a tocar, proporcionando uma grande festa naquela carruagem. Os passageiros alemães ficaram entusiasmados com a nossa “exibição”, telefonando até a amigos dizendo que estavam numa festa no comboio. Mas o mais engraçado foi quando apareceu o revisor, houve quem ainda se assustasse e tentasse até mudar de carruagem escondendo-se do senhor... Tal não foi necessário, e o funcionário da DB fez o seu trabalho conferindo os bilhetes com a frieza típica alemã, e nós continuámos com a nossa festa.

É claro que outros episódios podiam ser recordados, mas eu escolhi este, em particular, por mostrar como a música unifica um grupo e pode transbordar alegria, essencial para a sociedade.

Foram momentos como este que motivaram e uniram os estudantes da Escola Superior de Música de Lisboa, os quais aceitaram suportar todas as despesas de deslocação inerentes a esta digressão, promovendo o ensino de qualidade que a ESML ministra, o qual foi possível ouvir nos concertos e nas obras trabalhadas durante a Master Class de Direcção.

A todos os participantes neste projecto de internacionalização na Alemanha queremos felicitar pelo excelente trabalho apresentado e pela motivação demonstrada.

la de Música de Estugarda para realizar formação durante um dia com alguns jovens maestros alemães.

Os concertos foram muito aplaudidos, nomeadamente a música portuguesa que incluiu compositores como Fernando Lopes-Graça, Luís Cardoso e Miguel Sousa, este último estudante na Licenciatura em Música no Curso de Composição da Escola Superior de Música de Lisboa.

A presença da orquestra foi bastante elogiada, quer pelo nível artís-

tico dos seus concertos, quer pela simpatia e boa disposição que apresentava nos diversos locais onde esteve presente. Um exemplo disso é o comentário do estudante Gonçalo Marques, estudante na Licenciatura em música na Classe de Tuba: “Recordo um episódio que foi super engraçado, a nossa viagem de comboio de regresso a Stuttgart após um concerto na cidade de Manheim. Até confettis houve pelo ar quando muitos tiraram os instrumentos dos



IPL apoia países lusófonos na formação de professores



A ESCOLA Superior de Educação de Lisboa, coordenadora do projecto “Qualificação de Professores em Países Lusófonos”, no âmbito do programa europeu EDULINK, tem vindo a desenvolver as actividades previstas, juntamente com os seus parceiros, a ESE de Viana do Castelo, a Universidade de Cabo Verde, o Instituto Superior Politécnico de São Tomé e Príncipe, a Universidade Pedagógica de Moçambique, a Universidade Nacional de Timor Lorosae e a ONGD Engenho e Obra.

Num Primeiro Seminário, decorrido em Lisboa e Viana do Castelo, em Abril de 2009, procurou-se elaborar um programa de formação contínua para o ensino básico, nas áreas de Qualidade da Educação e Desenvolvimento, Ensino das Ciências, Ensino da Matemática e Tecnologias de Comunicação e Informação, co-construído por todos os participantes mas específico para cada um dos países envolvidos.

Seguiu-se uma fase piloto de implementação do programa de formação contínua em cada país durante a

qual se realizaram visitas de monitorização. Cada instituição de Ensino Superior foi visitada por um participante europeu e um de uma das IES participantes, não-europeia.

Em Maio de 2010, realizou-se um Segundo Seminário, em Cabo Verde, cujos objectivos principais foram a análise da fase piloto e a reformulação dos planos de formação. Até final deste, cada IES alargará o programa de formação a um maior número de professores. Durante este período, receberá igualmente uma equipa de monitorização. O projecto encerrará com um Terceiro Seminário, em Moçambique, no final de 2011.

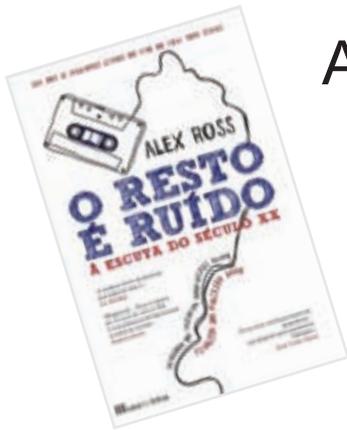
Uma componente importante do projecto consta do desenvolvimento de uma plataforma on-line, em cada área de formação, que contém todos os instrumentos pedagógicos produzidos e outro material de apoio, onde todos os participantes podem interagir.

Espera-se que o projecto contribua para o reforço do corpo de formadores em cada IES aumentando

significativamente o número de professores abrangidos por acções de formação contínua. Também serão editados materiais educativos.

Salientamos a grande riqueza de contacto humano que o projecto tem possibilitado e o trabalho cooperativo, aberto e frutífero, desenvolvido. Todos temos aprendido com a especificidade da experiência de cada IES e a partilha de ensinamentos tem encorajado a reflexão e a análise das questões que se colocam à formação de professores. O desenvolvimento da cooperação entre as ESE's de Lisboa e de Viana do Castelo tem sido também um aspecto muito relevante contribuindo para a integração das intervenções de cooperação, frequentemente atomizadas. Diminuem-se as distâncias e aumenta-se o perfil de internacionalização de cada uma das IES envolvidas. Julgamos que este projecto confirma, na prática, as potencialidades da cooperação entre instituições e países no âmbito da Comunidade Países de Língua Portuguesa.

Fernanda Gomes e João Rosa



Alex Ross escreve “O Resto é Ruído”

O PRIMEIRO livro de Alex Ross, o célebre crítico musical do *The New Yorker*, vencedor do National Book Critics Award, acaba de ser lançado pela Casa das Letras. Best-seller nos EUA, o que é raro num livro sobre música erudita, é uma que faz a diferença, ao mostrar que músicas eruditas e não eruditas se cruzam. E aqui se prova que, pelo menos no século XX, esse cruzamento foi profícuo para ambos os lados.

Texto de Sofia Roque

SE o jazz aprendeu com Bach e com Ravel, mesmo com Schönberg, harmonias mais complexas e estruturas mais desenvolvidas, também Stravinsky e Ravel foram buscar inspiração ao jazz, John Adams ao rock, e Thomas Adès à pop, para só citar alguns casos. Talvez este ecumenismo na abordagem sem preconceitos à música moderna esteja na base do imenso sucesso deste livro, que não hesita em colocar lado a lado Stravinsky e Gershwin, Sibelius e os Velvet Underground.

Sem apriorismos estéticos, nem ditames seriais, tonais ou atonais, Ross reconhece aquilo que muitas vezes não foi reconhecido pelos fanáticos de ambos os lados: que a música tem vários caminhos, vários tempos, várias possibilidades de re-

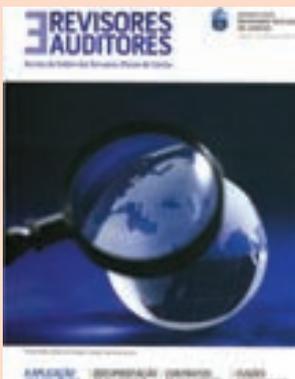
novação, e que compositores tão diferentes como Varèse, Sibelius, Webern ou Ives podem coexistir e, efectivamente, coexistiram, sem que algum deles possa reclamar como unicamente seu um conceito absoluto e utópico de “modernidade”.

Apenas uma nota negativa, neste volume de 575 páginas entre letra miudinha, que se lê como um romance, sem didactismos inúteis nem pedantismos escolásticos (igualmente inúteis): a tradução. Parece efectivamente que, em Portugal, as editoras ainda não compreenderam que qualquer tradutor de matéria especializada (ciência, artes, etc.), que utiliza necessariamente – mesmo em livros de divulgação como este – um vocabulário próprio que facilmente é mal interpretado por leigos, ou é duplamente

proficiente na língua que verte para português e na matéria que traduz, ou então necessita de um revisor técnico que o aconselhe ou percorra o texto de fio a pavio em busca de asneiras. O resultado desta negligência, quer das editoras quer dos próprios tradutores, salta à vista para quem perceba um pouco, neste caso, de música: expressões mal traduzidas deixam de ter ligação com o contexto, termos técnicos que pura e simplesmente deixam de fazer sentido algum, etc.

Alex Ross merecia melhor do que esta tradução que, ainda assim, não é das piores. Tenho porém o prazer de informar que o original em inglês também se encontra à venda em Portugal, pelo que o leitor mais avisado poderá saltar por cima da versão portuguesa e beber directamente da fonte.

Revisores e Auditores



A ORDEM dos Revisores Oficiais de Contas continua a publicação da sua

Revista, dando espaço à análise e investigação na área da contabilidade, auditoria e fiscalidade. A publicação de periodicidade trimestral e distribuição gratuita, *Revisores e Auditores*, tem como director o Bastonário da Ordem dos revisores oficiais de contas António Gonçalves Monteiro, que destaca no seu editorial a importância da integridade na profissão que impõe a obrigação sobre todos os revisores e auditores de serem rectos, honestos e

imparciais no seu relacionamento profissional.

A Revista conta com a participação de inúmeros especialistas da área profissional que contribuem com todo o seu conhecimento para a elaboração de artigos pertinentes e de qualidade.

Nesta edição podemos ler artigos como “A aplicação das ISA numa auditoria a uma PME” de Óscar Figueiredo e “Documentação de auditoria” de Cristina Figueiredo Rodrigues, entre outros.

Os valores do Liberalismo



A PUBLICAÇÃO “O Liberalismo em Questão” da autoria de João Ricardo

Telejornais em livro

A Coleção Caminhos do Conhecimento lançou mais dois livros, desta feita, na biblioteca da Escola Superior de Comunicação Social. As obras, intituladas “Telejornais em Exame” e “Telejornais no início do século XXI” resultam de um projecto coordenado por Joel Silveira, que analisou telejornais de quatro canais de televisão sob diversos parâmetros. Os livros tiveram a colaboração de Gustavo Cardoso, António Belo e Palmela Shoemaker.



NUMA cerimónia de lançamento realizada na biblioteca da Escola Superior de Comunicação Social, foram apresentados ao público o 19.º e 20.º volumes da Coleção Caminhos do Conhecimento. Marcaram presença, para além do presidente do IPL, Vicente Ferreira, que frisou a componente editorial da instituição, o presidente da ESCS, Jorge Veríssimo, e dois dos colaboradores do projecto, António Belo e Gustavo Cardoso. Tratando-se de um trabalho coordenado por Joel Silveira, entretanto falecido, estiveram presentes Margarida Almeida Santos, a viúva e seu pai António Almeida Santos, antigo presidente da Assembleia da República.

Todos os intervenientes falaram de Joel Silveira, como “uma personalidade incompreendida pela sua manei-

ra de ser”, nas palavras de Jorge Veríssimo, que agradeceu a Margarida Almeida Santos, a doação do acervo bibliográfico do marido à ESCS.

Também António Belo, actual pró-presidente para a comunicação do

IPL, referiu ter sido gratificante ter privado e trabalhado com o investigador e professor da ESCS. Por seu lado Gustavo Cardoso apontou como grande qualidade de Joel, a organização de grupos de trabalho.



António de Almeida e Santos e a filha Margarida, viúva de Joel Silveira na cerimónia

Catarino, promovida pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, constitui um ponto de partida para um olhar sobre o conceito e conjunto de valores do liberalismo e o seu impacto no plano da realidade prática social.

Considerando a situação de crise financeira e económica e os valores ideais e materiais que se vivem, o autor evidencia os passos mais significativos na construção das ideias que hoje, suportam a justiça distributiva.

No II capítulo da obra o autor discute o tema da distribuição social, em questões como as liberdades fundamentais, a igualdade, a justiça, a paz e o respeito pelo direito internacional e seus sujeitos. No capítulo III, João Ricardo Catarino fala dos valores fundamentais do modelo político social, e como a liberdade de intervenção do estado na justiça da distribuição da riqueza e do rendimento no meio social são referenciadas nos capítulos IV e V.

Estudos asiáticos



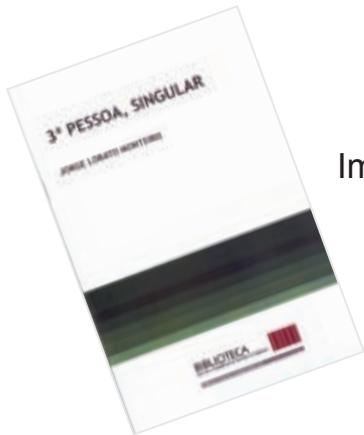
ESTÁ já disponível o n.º 13, da Revista Portuguesa de Estudos Asiáticos, intitulada

de Daxiyangguo. Sendo uma publicação semestral que resulta da parceria entre o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa e do Instituto do Oriente, o seu objectivo é colmatar o facto de não existir qualquer outra revista do género.

Daxiyangguo dirigida por António Vasconcelos de Saldanha, nasceu em Junho de 2002 e trata-se de uma Revista bilingue que conta com a colaboração de académicos in-

Teatro, estética e criatividade

Imagine-se uma cadeira de braços, (talvez vermelha); a luz intensa de um farol a trespassar uma garrafa de vidro, boémia, verde e meio vazia; e uma caixa de música onde rodopia uma rígida bailarina de faz-de-conta. Imagine-se tudo isto, juntando-lhe música de fundo e a voz de um narrador. Se conseguirmos fazer tudo isto teremos penetrado no universo criativo de Jorge Lobato Monteiro e do seu livro “3ª. Pessoa, singular”.



O LIVRO, editado pela Escola Superior de Teatro e Cinema, na colecção Trabalhos de Casa da série Sebentas, é de um aluno do curso de Teatro a escola, que optou por não revelar publicamente a sua identidade. Adoptou, em vez disso, o pseudónimo de Jorge Lobato Monteiro, numa provável homenagem cifrada a Monteiro Lobato, o maior autor da literatura infantil brasileira, que fez reviver heróis lendários e imortais.

Fiquemo-nos, para já, com as suas estimulantes propostas:

Um espaço por definir (talvez seja uma sala vazia; o vazio não tem de ser necessariamente material). Não quero influenciar a construção deste espaço, nem nada que esteja ligado à encenação deste texto. No entanto, se quiserem aceitar por bem, Isabel deve permanecer parada desde o início dentro desse espaço. Gonçalo e Alice, ao contrário de Isabel, devem entrar



posteriormente e deslocarem-se pelo espaço com uma certa liberdade.

Gostava ainda de aconselhar duas marcações, uma para Gonçalo e outra para Alice. Gonçalo podia caminhar sobre uma linha (imaginária). Quanto a Alice, porque não visualizar um espelho? É como vos digo, não quero

influenciar em nada! É apenas uma opinião, uma hipótese, como qualquer outra que pode surgir.

Se quiserem aceitar, pela última vez o meu conselho, coloquem no espaço três objectos: uma cadeira, uma garrafa de vidro e uma caixa de música. Não interessa onde. É o suficiente, a meu ver.

ternacionais, assim como diplomatas e especialistas nacionais.

Esta iniciativa, pioneira no nosso país, procura a participação alargada na área das Ciências Sociais, com o intuito de divulgar as grandes temáticas dos modernos estudos asiáticos.

Desta forma, o Instituto do Oriente pretende ainda incluir nas edições da revista artigos provenientes de Seminários realizados no local, que sejam pertinentes para o enriquecimento literário da publicação.

Nesta edição podemos encontrar vários artigos nacionais e internacionais dentro dos quais destaco alguns como “A Ásia Central: O Grande Jogo” de Nuno Ventura; “The Global Economy and China’s “Peaceful Development” de Christopher R.Hughes; “China,Southeast Asia and Energy security: The impact on maritime boundary and territorial disputes” de Ian Townsend-Gault; “Chinese Investment in Latin America’s Oil Sector” de Susana Moreira entre outros.

O Ténis e a Moda

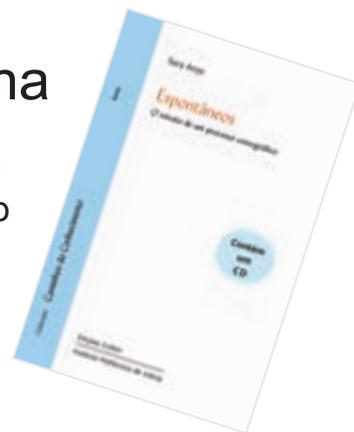


INTERAGINDO com a evolução do vestuário, o desporto em geral e o ténis em

particular têm influenciado ao longo dos tempos a Moda, sendo o contrário também verdadeiro. Muitos dos trajés adaptados à prática desportiva vão passando para o traje quotidiano, da mesma forma que algumas das inovações da Moda são incorporadas no vestuário usado para praticar desporto, ao nível da forma, mas também das cores, padrões, ornamentos, etc., sendo ainda possível verificar a influência dos designers de moda que têm produzido indumentária desportiva.

A arte como meio de valorização humana

O Instituto Politécnico de Lisboa e as edições Colibri lançaram mais uma obra da colecção Caminhos do Conhecimento. O livro “Espontâneos” da dramaturgista, intérprete e coreógrafa, Sara Anjo, nasceu da colaboração entre a fundação LIGA e a Escola Superior de Dança. Este projecto tem permitido a pessoas “diferentes” expressar a sua criatividade através da dança interagindo com alunos e docentes da escola artística do IPL.



A LIGA pretende valorizar a integralidade da pessoa, através da sua participação em projectos nas áreas das ciências da funcionalidade humana, do design e da sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura social participativa.

A ESD colabora com a LIGA desde 2000, através da partilha de recursos e da criação de grupos de trabalho que integrem técnicos e professores. O resultado deste trabalho reflectiu-se num conjunto de projectos onde todos os participantes viveram uma extraordinária experiência humana. A obra agora lançada pretende transmitir esses sentimentos, onde as limitações corporais não são obstáculo para a criação artística.

A cerimónia de lançamento do livro realizou-se no dia 7 de Janeiro, no Centro Cultural de Belém, e foi o mote para a apresentação de um espectáculo da

Plural, núcleo de Dança Contemporânea, “Croqui, Corpo, Peça Pronta”, onde foi possível observar o trabalho de parceria artística entre a ESD e a LIGA.

No palco do pequeno auditório do CCB os espectadores viram co-

mo é possível dançar mesmo quando o corpo está amarrado a uma cadeira de rodas. A simbiose entre os bailarinos e os “outros” foi perfeita e resultou num espectáculo cheio de movimento



Cerimónia de lançamento "Espontâneos" no Centro Cultural de Belém

Vontade



Mergulho neste mar de meus pais, e dos pais dos meus pais, e nele me vejo

envolto numa paz berrante, mas perdido, sem a terra a que sempre chamei casa, propriedade minha,

Perdendo pé, rasgando o pó de areia que me vai deixando sozinho.

Ali fico, completamente alheio à vontade marítima,

Vagueando entre as ondas como pedaço de vida abandonado,

E essa paz que me arremessa de volta, que me pede de volta,

Limpa de mim a réstia de esperança, limpa de mim o sorriso abafado...”

Desafios futuros



Apresentação das várias valências de acção de um grupo exemplar de pesquisa/cria-

ção no âmbito das artes cénicas – LUME/UNICAMP/Brasil. História e “filiação”, linhas de investigação, modos de difusão e desafios futuros, são, respectivamente, as partes a partir das quais se organiza e desenvolve a exposição.

Tiago Porteiro (actor, encenador e docente na Universidade de Évora e investigador no CHAIA, da mesma universidade, e no Centro de Investigação em Artes e Comunicação, da Universidade do Algarve/Escola Superior de Teatro e Cinema (no Projecto «O Actor Permanente»).

Dançar: um corpo pensante, em movimento

A DANÇA é frequentemente considerada por praticantes e espectadores como uma actividade natural, desencadeada pela emoção, com propósitos eminentemente estéticos, veiculadora de uma linguagem universal e dissociada de todos os outros aspectos da experiência, do pensamento e da vida humana.

São pelo menos dois os factores que contribuem para definir a dança a partir de uma essência emocional e universal. Por um lado, as circunstâncias físicas concretas em que a dança tem lugar e é percebida. O facto de a dança ocorrer num espaço e tempo separados da vivência quotidiana, do trabalho, das relações sociais, das intervenções políticas e das de carácter cívico, quer aconteça num teatro, num salão ou na rua, coloca-a não raras vezes à margem da cultura e das ideias. Por outro lado, a perspectiva cartesiana do indivíduo, que na cultura ocidental ainda é estruturante da forma de “nos vermos”, determina também o modo como muitas vezes perspectivamos separadamente as actividades do pensamento (da mente) e as actividades do movimento (do corpo).

Bryan S. Turner, autor que traça a génese e o desenvolvimento do cartesianismo enquanto ideologia que põe em marcha um processo de racionalização e subvalorização do corpo nas culturas ocidentais, defende que o cristianismo, enquanto força cultural, desempenhou aqui um importante papel, pois o corpo era visto como algo de perigoso, veículo de paixões incontrolláveis. O corpo humano foi transformado na noção de carne ou “lugar” da animalidade; e a mente na noção de alma ou lugar da “espiritualidade” (Turner, 1996 [1984], p. 67).

A teórica da dança Ann Cooper Albright refere-se à consequente marginalização do bailarino no contexto das sociedades ocidentais, concomitante a esta separação corpo-mente: “(...) because they work intensively with their bodies, dancers are often seen as pretty but dumb, inarticulate, childlike, irresponsible, and physically disciplined but morally loose (...).



Foto de Sofia Guerra

Maria José Fazenda *

A mente e o corpo constituem um par indissociável, independentemente da actividade a que nos dediquemos

These cultural stereotypes reflect the hierarchical dichotomies in Western culture, revealing rather simplistic notions about the separateness of mind and body.” (Albright, 1997, p.7)

Esta tradição da bipolarização corpo-mente reflecte-se na forma como ainda hoje os bailarinos e a dança são considerados socialmente. Porque se dedicam a uma actividade centrada no trabalho sobre o corpo, os bailarinos podem ser vistos pelas pessoas comuns, mas também por intelectuais, como indivíduos a quem se associa o “ser-se corpo”, desprovidos de um “eu pensante”. Enquanto actividade, a dança é, por isso, comumente relegada para o plano do pueril ou do estrito divertimento.

Mas alguns bailarinos e profissionais da dança também são responsá-

veis por esta atitude, quando são os próprios a posicionar a sua actividade como física, intuitiva, emocional e não intelectual. Esta atitude representa frequentemente, porém, por parte de alguns destes agentes, uma espécie de defesa ou reacção perante o que consideram ser uma sobrevalorização da racionalidade na cultura ocidental.

Na constituição da pessoa, a mente e o corpo constituem um par indissociável, independentemente da actividade a que nos dediquemos. São várias as perspectivas científicas que o confirmam. Por um lado, a Paleontologia defende que, no processo de constituição do Homem, as competências da palavra e as do gesto terão ocorrido em simultâneo, numa mesma etapa do desenvolvimento cerebral. Por outro lado, a Antropologia, a partir dos anos 1920, tem comprovado a dimensão socio-culturalmente construída do corpo e do seu movimento.

Continuar a separar a palavra do gesto ou o pensamento do corpo, só terá como efeito perpetuar a desvalorização sociocultural de que a dança é frequentemente objecto. As desconfianças dos praticantes da dança em relação ao trabalho intelectual e as desconfianças dos intelectuais em relação aos que centram a sua actividade no próprio corpo deverão ser ultrapassadas, por um lado, com uma educação em dança que se preocupe em transmitir a ideia de que a teoria e a prática são indissociáveis e, por outro lado, com um estudo teórico das actividades performativas que promova a importância do conhecimento através da experiência do próprio corpo.

Obras citadas:

Turner, Bryan S., 1996 [1984], *The Body and Society*. Londres: Sage Publication.

Albright, Ann Cooper, 1997, *Choreographing Difference: The Body and Identity in Contemporary Dance*. Middletown: Wesleyan University Press.

*Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Dança